



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Kétrin Helena Silva Félix dos Santos

Proposta para trabalhar Fotografias na Educação Infantil
RegistrAção: as Infâncias pelas lentes

Brasília
2023

KÉTTRIN HELENA SILVA FÉLIX DOS SANTOS

Proposta para trabalhar Fotografias na Educação Infantil
RegistrAção: as Infâncias pelas lentes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Educação da UnB como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a. Ireuda da Costa Mourão

Brasília
2023

KÉTTRIN HELENA SILVA FÉLIX DOS SANTOS

Proposta para trabalhar Fotografias na Educação Infantil

RegistrAção: as Infâncias pelas lentes

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Dra. Ireuda da Costa Mourão
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília
(Orientadora)

Professora Dra. Andrea Cristina Versuti
da Universidade de Brasília
(Membro Titular)

Professora Lucimara Oliveira Gomes de Moraes
da Universidade de Brasília
(Membro Titular)

Professora Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa
da Universidade de Brasília
(Membro Suplente)

Data da aprovação: 19/07/2023

BRASÍLIA
2023

AGRADECIMENTOS

Emicida, em seus versos potentes e poéticos, canta em alto e bom som, “tudo que nós tem é nós”, e assim, inicio agradecendo e reconhecendo aqueles que me potencializaram e amaram.

À Lúcia Helena, Sidnei Félix e Glauco Heitor, agradeço por serem o verdadeiro significado de família. Vocês foram a minha melhor escolha.

Um grande obrigada às amigadas que construí ao longo do caminho, a vida se tornou mais viva com vocês ao lado.

À Láisa Alves e Marília Neves, agradeço por serem uma amizade de alma. Obrigada por terem acompanhado o meu eu em tantas fases.

Agradeço também, ao Iago Costa, Giovanna Tavares, Gabriela Cidade e Celine Almeida por terem sido muito mais que amigos da Pedagogia. Tornamo-nos amigos de vida, obrigada pelo feliz encontro.

À gestão AmarElo, agradeço por terem se tornado a Família AmarElo. Vocês foram meu respiro em meio ao caos.

À educação pública, agradeço por me fazer quem sou. Nascida e criada na periferia, estudar em uma escola pública foi minha maior alegria, pois foi lá, que sempre estive ao lado dos meus.

Agradeço aos meus professores, que me fizeram enxergar a potência que existe em mim. Em especial, a professora Sônia, professor Valmir, Ivan e Alessandro Roberto.

Agradeço ainda, às professoras Ireuda Mourão, Andrea Versuti e Lucimara Gomes, por terem sido meu acolhimento em diferentes fases da graduação. Vocês me fizeram acreditar ainda mais em uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos. Uma educação da amorosidade e da potência.

Mais uma vez, agradeço a Ireuda Mourão, por ter aceitado essa orientação. Obrigada pelos longos encontros e pelas longas ligações.

Agradeço também Juliana Carla e Gabriella Melo, pelas trocas sinceras e pelos abraços acolhedores durante o processo.

À Universidade de Brasília, agradeço por ter sido um incrível sonho. Isso é apenas um até logo.

Por fim, agradeço aos meus mentores, que me guiaram até aqui.

É, de fato, “tudo que nós tem é nós”!

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender de que forma os registros fotográficos podem ser utilizados como dispositivo pedagógico no cotidiano com as crianças pequenas na Educação Infantil. Para tanto, confere-se a ela a abordagem qualitativa, além de se pautar na pesquisa-ação, tendo como principais técnicas a observação participante realizada em 2023 em uma instituição educativa particular de Brasília-DF e a entrevista semi-estruturada com duas professoras da mesma escola. Foram utilizadas para o seguimento da pesquisa, principalmente as autoras Etienne Samain (2012), Luciana Ostetto (2017) e Carla Rinaldi (2019), que discutem propriamente sobre as imagens e os registros na Educação Infantil. A pesquisa resultou em uma nova perspectiva para a fotografia, entendendo-a como possibilidade de diálogo, partilha, autoria e revisitação, tanto para os educadores, como para as crianças. Entendendo, a importância de um novo olhar para os registros fotográficos no cotidiano com as crianças pequenas, discutiu-se as possibilidades destes no que tange o planejamento, a avaliação e a formação, além da produção de uma cartilha educativa, a fim de que a troca de saberes entre educadores seja efetiva e ampliada.

Palavras-Chave: fotografia; registros; educação infantil; cartilha; crianças e infâncias pelas lentes.

ABSTRACT

This research aimed to understand how the photographic records can be used as a pedagogical device in early childhood education, especially with regard to planning, evaluation and training. To this end, it is based on a qualitative approach, in addition to being based on action research, and its main techniques were participant observation in a private educational institution and semi-structured interviews with two teachers from the same school. The authors Etienne Samain (2012), Luciana Ostetto (2017) and Carla Rinaldi (2019), who discuss properly about images and records in Early Childhood Education, were used to follow up the research. The research resulted in a new perspective for photography, understanding it as a possibility for dialogue, sharing, authorship and revisiting, both for educators and children. Understanding, thus, the importance of a new look for the photographic records in the everyday life with young children, an educational booklet was produced, so that the exchange of knowledge among educators is effective and expanded.

Keywords: photography; records; child education; primer; children and childhoods through the lens.

APRESENTAÇÃO

Trata-se de um Trabalho Final de Curso, apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito básico para conclusão da graduação em Pedagogia. O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, apresenta o memorial educativo, uma construção sobre as vivências significativas para a vida da pesquisadora até aqui. Na segunda parte do trabalho, compreende-se a Monografia, que objetivou dialogar sobre a fotografia como dispositivo pedagógico no cotidiano da Educação Infantil. A monografia se inicia com um diálogo sobre o tema e o problema da pesquisa, traçando os objetivos a serem alcançados. A partir disso, seguem-se três capítulos, o primeiro apresenta a trajetória metodológica, a abordagem e as técnicas utilizadas. O segundo e o terceiro, por sua vez, trata propriamente sobre as crianças, as infâncias e as fotografias, expondo os conceitos e as práticas realizadas, a fim de compreender os registros fotográficos como potente dispositivo pedagógico. Por fim, expõe-se as considerações finais e as perspectivas futuras da pesquisa, entendendo que esse é apenas o início de uma longa trajetória de investigações.

SUMÁRIO

PARTE I - MEMORIAL FORMATIVO	8
PARTE II - MONOGRAFIA	
1. Introdução	12
2. Metodologia	14
2.1 Caracterizando o percurso metodológico	14
2.2 Vivências fotográficas em uma instituição educativa	20
3. Aprofundando conceitos	27
3.1 O mundo infantil e suas concepções	27
3.2 Registrando e aprendendo	29
3.3 Os registros fotográficos na Educação Infantil	31
4. Registrando narrativas: as entrevistas e a intervenção pedagógica.....	35
4.1 Se disponibilizar para transformar o olhar: entrevista 1	36
4.2 Fotografaram a felicidade: entrevista 2	37
4.3 Desbravando imagens e criando histórias: a ação interventiva	39
4.4 Vislumbrando o futuro: a cartilha educativa	47
5. Considerações finais: aqui ainda não é o fim!	48
6. Referências	51
7. ANEXOS.....	54
8. Apêndices	56
Apêndice 1- Cartilha	56
Apêndice 2 - Planejamento da atividade interventiva	70

HISTÓRIAS NARRADAS: Conhecendo a pesquisadora pelo memorial formativo

Figura 1 – Família.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.

Se não temos memória de onde estivemos, do que fizemos e de qual é a nossa história, não teremos uma identidade definida

Andrea Rauch (2005, p. 52).

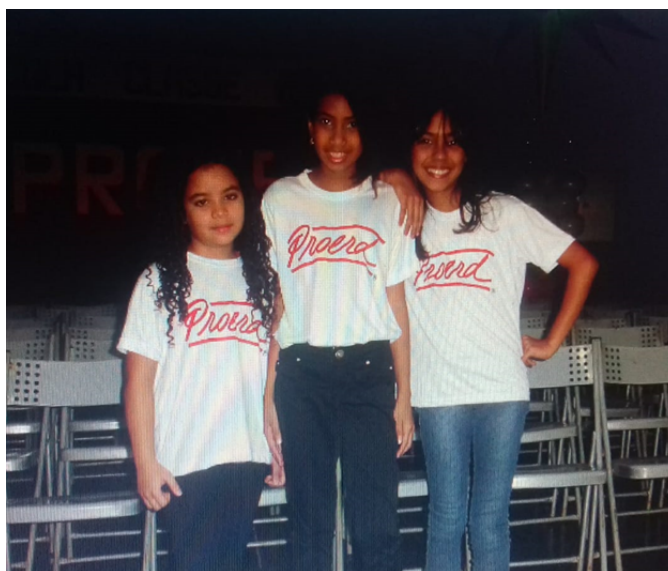
Escrever sobre si é como estar em meio a uma tempestade. Um turbilhão de sentimentos ecoa dentro do seu corpo, seu coração palpita em ritmos acelerados, suas mãos suam e suas pernas tremem de ansiedade. Encontro-me neste momento, nesse turbilhão de sentimentos, pois começo minha jornada aqui com meu memorial. Tento mergulhar nos mares mais profundos das minhas memórias. E busco auxílio nos mais variados registros fotográficos que tenho da minha trajetória, pois as lentes registram o vivido e contém um “potencial narrativo” expressivo (Ostetto, 2017, p. 41).

Começamos pelo meu eu criança, uma criança extrovertida, que conseguiu fazer rapidamente amigos fiéis, que caminham até hoje ao meu lado. Cresci em um lar onde pude ser criança, apesar de todas as dificuldades que me atravessaram logo cedo sendo uma criança periférica e de baixa renda, tive o privilégio de viver minha infância com plenitude. Não precisei trabalhar até os 20 anos, o que de fato não é algo rotineiro na minha realidade. O meu eu criança pôde ser criança. Tive a sorte grande de ter uma família sólida, com pais amorosos e que desde sempre praticaram uma educação acolhedora e significativa, e ainda

tive a sorte grande em logo poder contar com um irmão. A Lúcia, Sidnei e Glauco, dedico o meu mais sincero amor.

Aos 5 anos fui alfabetizada pela minha mãe, e logo nasceu dentro de mim uma vontade pela docência. Ao ingressar na educação formal, fui para a Escola Classe Paraná de Planaltina-DF, e já sabendo ler e escrever, fui adiantada. Logo de início conheci três pessoas especiais: Professora Sônia, minha primeira professora, com seus cabelos vermelhos e suas jabuticabas docinhas, saboreadas no chão do pátio por sua turma e Láisa e Marília, minhas primeiras melhores amigas, que me ensinaram desde cedo o valor da amizade, do acolhimento e do respeito à diferença. A elas agradeço por terem sido minha primeira base fora do núcleo familiar.

Figura 2 – Formatura Proerd Turma 2011.
Ao meu lado esquerdo, Láisa e ao meu lado direito, Marília.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2011.

A criança cresceu, e era hora de dar lugar à adolescência. A Kétrin que desde criança tinha certeza que seria professora, mudou pela primeira vez de ideia. E no 8º ano nasceu o desejo pela medicina, pela oncologia pediátrica. Talvez o meu eu adolescente tenha tido muito contato com as séries médicas, mas ainda assim, o meu desejo era estar com o outro. Entre aulas e aulas, eu era aquela à qual os amigos recorriam no último momento para aprender o conteúdo da prova. Eu amava ensinar, amava estar em contato com o outro e meu signo leonino, amava se sentir importante. Ainda assim, mesmo amando o ensino e a aprendizagem, meu eu adolescente estava agarrado à medicina.

Ingressei no Ensino Médio ainda com aquele sonho adolescente. Descobri o PAS, a UnB, o Enem e todos os vestibulares, mas também descobri amizades e amores. Mas o que o Ensino Médio realmente me trouxe de volta foi a paixão pela docência. A Láisa, aquela que foi minha primeira melhor amiga, retornou a minha vida e em um dia qualquer fez a seguinte pergunta: "Por que você não tenta Pedagogia? Tem muito mais a ver com você!", aquela pergunta tão simples, dita por uma adolescente de 15 anos mudou os rumos da minha trajetória. O amor pela educação reacendeu e dali em diante eu tinha uma certeza: que iria fazer Pedagogia na Universidade de Brasília.

A UnB não era um sonho, eu mal a conhecia. Sendo uma estudante de Periferia, a realidade mais próxima do ensino superior era a instituição privada. Mas o Centro Educacional 01 de Planaltina-DF, escola em que cursei todo meu ensino médio, contava com professores que fugiam da lógica imposta, eles acreditavam no potencial de seus estudantes e a UnB assim, tornou-se uma real possibilidade.

Minha trajetória para realização do PAS e do Enem começou. No 1º e 2º ano tinha que pegar ônibus para ir para a escola de manhã, após a aula, buscava meu irmão em sua escola e pegávamos o ônibus de volta para casa, almoçava rapidamente e pegava novamente o transporte público para a Biblioteca Setorial de Planaltina, lá ficava de 13h até 18:30 estudando com dois amigos: Marília e Jônata. No terceiro ano, estudantes e extensionistas da Faculdade UnB de Planaltina (FUP), ofertavam cursinho preparatório gratuito, a qual tive a sorte de participar, lá pela primeira vez tive contato com o que é a Universidade Pública, e tinha a certeza que eu pertencia aquele lugar. Foram 3 anos cansativos, de muitas resoluções de exercícios, muitos aulões e muitas redações produzidas, mas enfim, passei na UnB. A essa fase da minha vida, agradeço aos meus três amigos que nunca me deixaram na mão e ao cursinho Educação por ter me mostrado que a Universidade Pública é nossa!

Acessei a Universidade no 2º semestre de 2019. Até hoje lembro a sensação de comemorar junto com meus pais a alegria de ter passado na UnB. Meus pais que tanto lutaram para que eu pudesse ter uma infância e uma adolescência tranquila, conseguiram também colher seus frutos. Na Universidade tive experiências ímpares: projeto de extensão, monitorias, gestão do Centro Acadêmico, manifestações, cursos, eventos e festas. Aproveitei e continuo aproveitando tudo que a Universidade pode me proporcionar, porque esse lugar é um lugar que pertence a nós, estudantes periféricos de escolas públicas. É um lugar que faz parte de mim, assim como eu faço parte dele, pois somos atravessados, mas também atravessamos o espaço.

Figura 3 – Retorno às aulas presenciais.
Faculdade de Educação 1 – FE/UnB.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Logo em meu primeiro semestre tive a disciplina Educação, Tecnologia e Comunicação, com a professora Andrea Versuti, lá meu lado mais criativo se aflorou. Os registros imagéticos que já tinham grande importância afetiva para mim tomam outro significado, o significado pedagógico, com intencionalidade e com a busca constante pela construção da aprendizagem. Já no quinto semestre tive Educação Infantil com a professora Monique Voltarelli, e lá fui imersa em um mundo de respeito às crianças e às infâncias, conheci a instituição de Reggio Emilia e apaixonei-me pelo mundo infantil.

Chegando no meu sexto semestre, consegui um estágio remunerado na Educação Infantil, o que tinha aprendido nas disciplinas anteriores, pude observar e aplicar na prática com as crianças e com as outras educadoras. Realizei meu estágio obrigatório da Educação Infantil com a professora Ireuda Mourão, e o que eu realizava no meu cotidiano com as crianças foi sendo registrado e reavaliado, fazendo aquele percurso que tanto estudamos na graduação de Pedagogia: teoria - prática - teoria, formando a verdadeira práxis.

A documentação pedagógica e as minis histórias me cativaram, pois, as crianças tinham ali em registros fotográficos e escritos suas práticas rotineiras, mas de forma potente e individualizada. A criança se torna, então, protagonista de sua própria história, e eu como educadora poderia revisitar o que vivenciamos. E assim, surge a necessidade do meu eu de

agora vivenciar mais ainda os registros fotográficos na Educação Infantil, articulando o lado narrativo, sensibilizador, afetivo e principalmente pedagógico que as fotografias podem ter.

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi realizada como trabalho final de curso, apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito básico para conclusão da graduação em Pedagogia. Tem como tema a fotografia como dispositivo pedagógico na Educação Infantil, e sua relação com a autoria, memória e partilha, além da utilização para o planejamento, avaliação e formação, no dia-a-dia com as crianças pequenas.

A Educação Infantil, caracteriza-se por ser uma fase extremamente única e específica. Ela é a primeira etapa da Educação Básica, e sua oferta ocorre para as crianças de 0 a 5 anos de idade, nas creches e pré-escolas, sendo obrigatória a partir dos 4 anos, sendo assim, é o primeiro contato que as crianças terão fora do núcleo familiar. Essa etapa, singular, visa educar e cuidar através do brincar, de forma que haja o desenvolvimento psicológico, físico, intelectual e social da criança, respeitando suas limitações e necessidades (Brasil, 2017, p. 36). As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil enxerga a criança como

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p.12).

Toda essa cultura produzida pelas crianças é um marco e uma memória construída. E a memória é construtora de identidade. Uma tentativa de guardar essas memórias é através dos registros diários, que colhem o vivido e servem como fonte de compartilhamento entre os pares. Os registros quando bem articulados e planejados, tornam-se documentos reflexivos, que possibilitam o diálogo com todos os envolvidos. Na Educação Infantil, esses registros tornam assim, professores e crianças em autores de sua própria história, sendo capazes de retomar o que foi experienciado.

Apesar disso, ainda se vê no cotidiano com as crianças a dificuldade de sua utilização, sendo supervalorizado a escrita e os desenhos expostos em murais altos. Evidencia-se, desse modo, que os registros ainda são visualizados como produtos finais, que servem ao adulto, perdendo grandes oportunidades de aprendizagens mútuas. Ostetto (2017), afirma que um produto pode ser gerado, mas que o interesse maior é no processo, pois é por

ele que o docente aprende sobre e com as crianças e pode realizar um planejamento significativo.

Para tanto, buscando superar essas limitações ainda existentes, os registros fotográficos surgem como uma forma de comunicar as infâncias pelas lentes. Histórias são contadas sem palavras, as narrações são realizadas pelas próprias crianças, e as múltiplas linguagens são vistas e valorizadas. Além disso, pela imagética os princípios éticos, estéticos e políticos (Brasil, 2009), são ampliados, pois, a tiragem e a seleção das fotos são planejadas, bem como, o olhar é educado a enxergar as diferentes camadas.

Logo, tem-se como objetivo geral para essa investigação compreender de que forma os registros fotográficos podem ser utilizados como dispositivo pedagógico no cotidiano com as crianças pequenas na Educação Infantil. Isso posto, foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- I. Conhecer os aportes legais e teóricos que orientam a Educação Infantil, aprofundando sobre o que é ser criança e sobre as infâncias e aprendizagem a partir dos registros;
- II. Identificar e analisar como os registros fotográficos são utilizados no cotidiano de uma Instituição da Educação Infantil, a fim de planejar uma ação interventiva;
- III. Elaborar uma cartilha sobre o que é e a utilização dos registros fotográficos como recurso pedagógico no cotidiano da Educação Infantil;

Para se alcançar os objetivos descritos acima, é necessário um longo percurso metodológico, que envolve os principais sujeitos dessa pesquisa: as crianças e os educadores. Assim, o próximo capítulo é dedicado a apresentar qual caminho foi trilhado.

2. METODOLOGIA

2.1 Caracterizando o percurso metodológico

Ao discorrer sobre metodologia, as autoras Telma Lima e Regina Miotto dizem que “Busca-se apresentar o “caminho do pensamento” e a “prática exercida” na apreensão da realidade, e que se encontram intrinsecamente constituídos pela visão social de mundo veiculada pela teoria da qual o pesquisador se vale” (Lima; Miotto; 2007, p. 39), desta forma, seguiu-se neste tópico o tipo de pesquisa e as técnicas que foram utilizadas na compreensão

acerca do objeto já mencionado: os registros fotográficos e sua utilização como dispositivo pedagógico no cotidiano com as crianças pequenas na Educação Infantil.

Entendendo que esta pesquisa foi direcionada a questões sociais e culturais, e que contou com a subjetividade das pessoas, justifica-se a abordagem qualitativa, que leva em consideração os sujeitos envolvidos, compreendendo-os como seres que são produto da história, mas que também a produzem. Para Devechi e Trevisan,

As pesquisas qualitativas surgem, portanto, como forma de evitar o tecnicismo e o reducionismo lógico formal nas investigações educacionais em favor da recuperação da subjetividade. O diferencial das pesquisas qualitativas está relacionado com a inclusão da subjetividade; não é possível pensá-las sem a participação do sujeito (...) (Devechi; Trevisan; 2010, p. 150).

Vale ainda dizer que, a pesquisa qualitativa na educação a reconhece em toda sua dinamicidade, compreendendo que a educação não é fechada e determinada, mas sim, aberta e atravessada pelas questões sociais, culturais, políticas e econômicas de seu contexto. Considerando que o objetivo da pesquisa era compreender como as fotografias podem ser utilizadas como um dispositivo pedagógico na Educação Infantil, a fim de propor uma ação interventiva em uma instituição e a elaboração de uma cartilha explicativa para educadores, essa investigação caracteriza-se enquanto uma pesquisa-ação. E teve como principais técnicas para a sua realização a observação participante sistemática, a entrevista semi-estruturada, além de se dedicar sobre a pesquisa bibliográfica.

Quadro 1 - Quadro de correspondência da pesquisa

Tema: Fotografia como dispositivo pedagógico na Educação Infantil		
Questão Central: Como utilizar os registros fotográficos como dispositivo pedagógico no cotidiano da Educação Infantil ?		
Objetivo Geral: Compreender como os registros fotográficos podem ser utilizados como dispositivo pedagógico no cotidiano com as crianças pequenas na Educação Infantil.		
Questões Derivadas:	Objetivos Específicos:	Metodologia: Pesquisa Qualitativa Tipo: Pesquisa-ação
1- Quais os documentos legais e educacionais que orientam a Educação Infantil, e que abordam sobre o que é ser criança e sobre o que são as infâncias?	1- Conhecer os aportes legais e educacionais que orientam a Educação Infantil, aprofundando sobre o que é ser criança e sobre as infâncias;	Pesquisa bibliográfica Técnica de pesquisa: observação participante sistemática e entrevista semi-estruturada
2- Como os registros fotográficos são utilizados no cotidiano de uma Instituição da Educação Infantil e como planejar uma ação interventiva neste espaço?	2- Identificar e analisar como os registros fotográficos são utilizados no cotidiano de uma Instituição da Educação Infantil, a fim de planejar uma ação interventiva;	
3- Quais os resultados obtidos pela pesquisa e como elas podem ser explicitadas em uma cartilha para outros educadores?	3- Elaborar uma cartilha sobre o que é e a utilização dos registros fotográficos como recurso pedagógico no cotidiano da Educação Infantil;	

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa bem específica, que tem como principais características o envolvimento de seus sujeitos e a transformação e produção de conhecimento em seu contexto. Existem diversas variações deste tipo de pesquisa, mas aqui, caracteriza-se de maneira mais apropriada a pesquisa-ação integral, ou seja, ações realizadas com o grupo e para o grupo, desenvolvida *in loco*, levando a mudanças de discursos e atitudes, conscientizando e criticizando os saberes previamente estabelecidos (Mourão e Gonzaga, 2014, p. 49). No caso desta investigação, a pesquisadora já trabalhava na instituição há 1 ano e 6 meses, o que permitiu o conhecimento da realidade/contexto da pesquisa, possibilitando a problematização, e que as ações fossem planejadas e executadas com o grupo e para o grupo. O grupo foram onze crianças de 4/5 anos de idade, além de contar com duas educadoras, a professora regente da turma e a Ateliêrta.

Importante agora, detalhar os principais passos necessários para a pesquisa-ação integral: a negociação, o processo, a parceria e a transformação. A **negociação**, consiste em

um contrato aberto e reajustável, tendo sido acordado entre todos os sujeitos participantes da pesquisa (Filho e Thiollent, 2008), o que no caso desta pesquisa, foi realizado no início da investigação em abril de 2023, com o diálogo entre a pesquisadora, as educadoras e as crianças. As educadoras tomaram conhecimento da intencionalidade da pesquisa, do objeto, da questão problematizadora e dos objetivos da pesquisa, de forma a não só concordar, mas engajaram-se sugerindo ações e participando da execução da intervenção. Esse ponto, conseqüentemente, levou à **parceria**, esta que não se impõe, mas sim, que se coloca em diálogo com o outro, conduzindo a um sentimento de cooperação e responsabilidade. Dessa forma, traduz-se em um grande **processo**, isto é, que está em constante movimento e revisão da ação e da reflexão (Filho e Thiollent, 2008), que no caso desta pesquisa, estou entendendo ser a efetivação da proposta interventiva elaborada pela pesquisadora em parceria com as educadoras, e aplicada com as crianças.

Durante a pesquisa, as crianças e as educadoras estavam envolvidas plenamente nas intervenções pedagógicas, já que as mesmas também haviam participado diretamente de seu planejamento. Assim, buscou-se chegar no ponto máximo da pesquisa-ação: a **transformação**, empenhando-se em obter a compreensão de que as fotografias podem ser potentes no cotidiano pedagógico da Educação Infantil.

A transformação, assim, é uma mudança planejada de forma elaborada e antecipada, que se faz por meio de uma reflexão em comum entre os atores que procuram em conjunto, definir ações destinadas a melhorar o processo de realização (Filho e Thiollent, 2008, p. 42). Desta forma, a própria ação interventiva, o processo de escuta das crianças, mas também as conversas para elaboração da intervenção e a própria entrevista com as educadoras, e a avaliação de todo o processo, podem ter promovido essa reflexão em comum entre os atores (crianças, educadores e pesquisadora).

Ainda, é possível compreender que a transformação nesta pesquisa, aconteceu através da cartilha que foi elaborada, pois essa, feita a partir das vivências construídas na instituição educativa, e do extenso repertório teórico, poderá ser difundida nos mais diferentes espaços educativos, levando com que outros educadores reflitam sobre sua própria prática pedagógica, colocando a fotografia como dispositivo pedagógico em seu dia a dia.

De mais a mais, na abordagem qualitativa, a observação participante é de extrema importância para se perceber o que está sendo vivenciado e experienciado, é estar com o Outro, com um olhar de curiosidade, de questionamento e de acolhimento às diversas situações que podem surgir. Para Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999), a estrutura da observação participante é sistemática quando os comportamentos a serem percebidos e as

formas de registros são preestabelecidos pelo pesquisador, o caminho a ser percorrido já tem, então, uma base teórica e objetivos bem determinados, não significando, porém, que mudanças não possam ser acolhidas ao projeto. São através desses momentos de observações “guiadas”, que o pesquisador poderá encontrar suas maiores descobertas e novos desafios, pois, estar com as crianças pequenas envolve sempre novos universos a serem desvendados e capturados.

Desse modo, o pesquisador é também, sujeito de sua própria pesquisa, haja vista que, ele fará parte daquele grupo por determinado período. Assim, ao passo que observo as crianças e o ser docente com as fotografias em seu dia a dia, também participo inteiramente, seja fotografando e/ou dialogando com elas, assim, “o observador participante (...) procura explicar aquilo que habitualmente o “homem comum” rejeita ou não presta atenção” (Mónico; Alferes; Castro; Parreira, 2017, p. 729). É preciso, portanto, estar atento ao imperceptível, e mais ainda, é preciso se permitir estar presente. A observação aconteceu no período de quatro meses, de abril a junho. Nestes dias a pesquisadora lançava mão de um caderno de registro, no qual escrevia sobre as vivências com as crianças, com as educadoras e com a fotografia, mas para além desse suporte, a pesquisadora estava sempre acompanhada da sua câmera do celular. Ademais, também foi elaborado um roteiro (ver apêndice 3) para a observação, a fim de que ela fosse sistematizada e direcionada, mas sendo também, flexível a mudanças.

Por sua vez, a pesquisa bibliográfica é parte do percurso metodológico de qualquer pesquisa, pois, é necessário a qualquer pesquisador conhecer e compreender o que já se tem sobre determinada temática. Ela deve ser realizada de forma processual e pré-definida, importante dizer que, apesar do pesquisador fazer um pré-planejamento de seu percurso, ele é flexível e pode ser adaptado se necessário. Para Lima e Miotto (2007), algumas etapas são fundamentais para se chegar até um ponto sistemático da pesquisa bibliográfica, são elas; leitura de reconhecimento do material bibliográfico, leitura exploratória, leitura seletiva, leitura reflexiva e por fim, a leitura interpretativa, as duas primeiras consistem em uma leitura mais rápida, buscando identificar quais fontes melhor conversam com o objeto de pesquisa. Já as três últimas, relacionam-se à seleção do material e ao olhar crítico sobre ele, já articulando essa seleção de documentos ao problema que quer ser estudado e solucionado.

Assim, buscando compreender os aportes legais que circundam a Educação Infantil, as infâncias e as crianças, foram utilizados em especial os seguintes documentos oficiais/legislação: o Currículo em Movimento do Distrito Federal: Educação Infantil (2018); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2009); Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação Infantil (2010) e a Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional (1996). Para o seguimento da pesquisa, investigando a utilização dos registros fotográficos no cotidiano da Educação Infantil, foram utilizadas principalmente as autoras Etienne Samain (2012), Luciana Ostetto (2017) e Carla Rinaldi (2019), que discutem propriamente sobre as Imagens e os Registros na Educação Infantil, mas também, repouso sobre outros autores (as). Portanto, a pesquisa bibliográfica se evidencia como sendo primordial no processo de pesquisa, pois “possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo” (Gil, 1994 apud Lima; Miotto, 2007, p.40).

Por fim, foi utilizada também as entrevistas. Em uma pesquisa qualitativa, “tipicamente o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana” (Mazzoti e Gewandsznajder, 1999, p. 168), no caso desta pesquisa, buscou-se compreender o significado que as docentes (a Ateliêrta, a Professora Regente e a Coordenadora Pedagógica) dão à fotografia em seu cotidiano na Educação Infantil. Para isso, a entrevista foi semi-estruturada, ou seja, as perguntas foram anteriormente elaboradas pelo pesquisador, mas com a autonomia de modificá-las durante o processo, se necessário. Ainda se mostra importante destacar que, de acordo com Marconi e Lakatos (2008), as entrevistas se definem por ser uma conversação face a face, que conta com um cunho profissional, e que busca coletar dados e respostas de um determinado problema. Além disso, as entrevistas são valorosas pois,

Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las. Fornecendo-nos matéria-prima para nossas pesquisas, nossos informantes estão também refletindo sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. Avaliando seu meio social, ele estará se auto-avaliando, se auto-afirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando-se como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias (...) (Duarte, 2004, p. 220).

Para a realização desse instrumento, as precauções éticas foram tomadas, tais como: termo de consentimento e assentimento, a privacidade e confidencialidade, e o esclarecimento sobre a pesquisa, deixando claro seus objetivos, danos e benefícios (todos estes cuidados foram registrados), deixando assim que, os sujeitos se envolvam voluntariamente. As questões da entrevista, tratavam de problematizações acerca do uso da

fotografia no dia-a-dia das educadoras com as crianças, e foram aplicadas presencialmente e individualmente no mês de maio e junho. Além disso, foram gravadas em áudio e transcritas nesta pesquisa.

Logo, buscou-se através da abordagem qualitativa e das técnicas mencionadas, compreender como a fotografia está sendo e pode ser utilizada na Educação Infantil, mas deixando espaço para que novos questionamentos fossem abertos e explorados, para que essa pesquisa não seja um fim, mas sim um ponto de partida para mais. Para isso, através da construção de dados e informações durante a pesquisa, uma cartilha foi elaborada, a fim de que fosse esclarecido o que são os registros fotográficos e quais podem ser suas funções no dia a dia dos docentes e das crianças, buscando que novos modos de registrar sejam difundidos e explorados. Para Thiollent (2009), esse é um traço da pesquisa-ação, o desejo de que o conhecimento gerado não seja de uso exclusivo do grupo investigado.

A seguir, apresento um panorama do contexto e das vivências na instituição, descrevendo o cotidiano das crianças e educadoras em relação ao objeto de estudo, a fotografia como dispositivo pedagógico.

2.2 Vivências fotográficas em uma instituição educativa

Este capítulo apresentará a instituição educativa onde a pesquisa foi realizada e construída. Primeiro é importante mencionar que a observação participante sistemática e as entrevistas ocorreram propriamente durante o 1º semestre de 2023. A escola está localizada na Asa Norte, bairro nobre de Brasília/DF, uma instituição privada e renomada na região. Com um prédio próprio para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, possui boa estrutura, em sua entrada, há duas quadras, uma grande casa da árvore e uma caixa de areia. Ao entrar no edifício, tem-se o espaço da Educação Infantil, com um pátio, denominado como “meião”, onde as produções das crianças ficam expostas, há 10 salas (sendo 5 em cada lado), com banheiro, ar-condicionados, armários, computador, projetor, caixa de som, e um solário em sua lateral. Há também a sala da Enfermaria, da Coordenação, do Ateliê, da Cantina e do Refeitório, além dos banheiros sociais.

Passando da estrutura física e material, para a estrutura de pessoal, a escola envolve 4 turmas no turno matutino (turno em que a pesquisa foi realizada), sendo 1 Infantil 3, 2 Infantis 4 e 1 Infantil 5, com as idades correspondentes ao número da turma. Além disso, a instituição adotou o Programa Bilíngue, desse modo, compreende 8 professoras, sendo 2 professoras e 2 estagiárias do Inglês, como também, 2 professoras e 2 estagiárias da Língua Materna, que se revezam entre duas turmas, cada língua, ficando assim, 2h30 com cada turma. Ainda há as atividades de Psicomotricidade, Música e Ateliê, cada uma com uma professora regente, com exceção de Psico, que conta também com estagiários.

Concluída a breve apresentação sobre a instituição, as linhas que se seguem, buscam expor como a fotografia já estava presente no cotidiano das professoras e das crianças. A documentação pedagógica é uma grande aliada, esta é “uma força que produz o entrelaçamento das ações de adultos e crianças, de modo oportuno e visível e aperfeiçoa a qualidade da comunicação e da interação. [...] documentar significa acima de tudo deixar vestígios” (RINALDI, 2019, p. 109-110). Desse modo, o que é vivenciado durante o dia, é registrado pelas educadoras e compartilhado com todos, objetivando que as aprendizagens construídas no dia a dia da turma, sejam expandidas para além da sala, sendo uma forma de aproximação do trabalho pedagógico realizado.

Figura 4 - Documentação Pedagógica

CORES, CHEIROS E TEXTURAS: EXPERIÊNCIAS DELICIOSAS!

O simples pode ser o mais extraordinário! Alguns temperos fizeram parte da nossa semana, ao entrar na sala sentíamos o forte aroma da canela e do café, as mesas manchadas de amarelo e vermelho, do açafrão e do urucum, fomos imersos em um mundo aromático e colorido.

A nossa memória foi rapidamente ativada, o cheiro do café lembrava o delicioso café da manhã, que deixa nossas crianças fortes para mais um dia na escola; já a canela, lembrava o gostoso curau, típico de uma boa festa junina. Nunca foi tão apetitoso aprender coisas novas! Nossa primeira aprendizagem? Ah, que os temperos podem se transformar em outras coisas:



LARISSA: *Isso aqui, prof (referindo-se às tintas) é a natureza. O cheiro do café é um pouco forte, é um cheirinho bom!*

SARA: *Nossa, isso é café de verdade?*



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Fotos são tiradas de momentos significativos das e para as crianças, essas imagens são organizadas juntamente a um pequeno texto que explica o que foi vivido naquela ocasião, além disso, são anotadas também, as próprias falas das crianças.

Figura 5 - Documentação Pedagógica.



JOÃO: *o de canela parece chocolate derretido, o cheiro também é de chocolate. O vermelho é de morango.*



SOFIA: *Ket, isso aqui é o açafrão, ele foi triturado numa máquina e virou um pozinho e depois virou uma tinta.*

VITÓRIA: *Agora tem que limpar a mesa, ela tá vermelha.*



SOFIA: *Prof Ju, hoje é a minha vez de ficar com a bucha, né?*

Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Esses documentos são impressos em tamanho A3 e expostos na parede de fora da sala, na altura das crianças. Ademais, ainda são realizadas as mini histórias, que consistem em pequenas histórias narradas e poéticas de momentos que foram importantes para as crianças e para as educadoras, geralmente elas são de apenas uma criança ou de um pequeno grupo, tornando o olhar do educador mais individualizado, percebendo as características de cada uma de suas crianças. Essas histórias também são expostas, assim como, as documentações.

Figura 6 - Mini História.

O parque era nosso cenário.. Estava um dia lindo, fresco e sossegado, após uma longa noite de chuva. Em um momento, a tranquilidade foi tomada por gritos assustados, Helena estava com uma Esperança grudada em seu longo cabelo loiro. Após muitas tentativas, a prof.^a Ket conseguiu retirá-la, e o que poderia se encerrar ali, deu asas a uma grande oportunidade. Em um graveto, a Esperança pousou, e a partir daí, nossa bela turma teve um grande momento de maravilhamento e questionamentos.

Grilo ou Esperança? Foi o primeiro grande questionamento da turma. Após muita conversa, chegamos a conclusão que era uma Esperança, ela era verde e tranquila, e não fazia o barulho alto do grilo. Nicolas, nosso especialista em insetos, relatou que ela come grama e vive nas folhas e nas árvores. Ele ficou tão encantado, que quis guardá-la em um potinho, mas depois de conversarmos, percebemos que o melhor lugar para um inseto estar, é na natureza!

Em alguns minutos, tivemos uma pausa para respirar e contemplar a natureza, que nos cerca todos os dias. A Esperança pousou em nós, e o esperar se fez presente. A esperança em crianças curiosas e questionadoras, pois “as crianças são as maiores ouvintes da realidade que as cerca. Elas possuem o tempo de escutar [...], tempo rarefeito, curioso, suspenso, generoso – um tempo cheio de espera e expectativa. As crianças escutam a vida em todas as suas formas e cores..” (RINALDI, 2019, p. 126).

MINI HISTÓRIA: A ESPERANÇA POUSOU EM MIM

Por: Kétrin Helena



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Para além disso, existem os momentos de “TRANSformação” com as educadoras regentes, coordenadoras, estagiárias e monitoras, são momentos em que são oportunizadas trocas de saberes e conhecimentos. Uma dessas formações foi com a temática da Documentação Pedagógica, no dia 13/03/2023, em que se tratou também sobre as fotografias e como utilizá-las, relacionando-a com os documentos legais, que já a trazem como elemento constitutivo do trabalho pedagógico. Dessa forma, diferentes perspectivas e ideias são compartilhadas entre as educadoras, buscando a formação continuada e significativa. Tudo isso já acontecia na instituição como é possível verificar no convite da ação “TRANSformação”, e de certa forma, contribuiu para formulação da questão central e objetivos dessa pesquisa-ação.

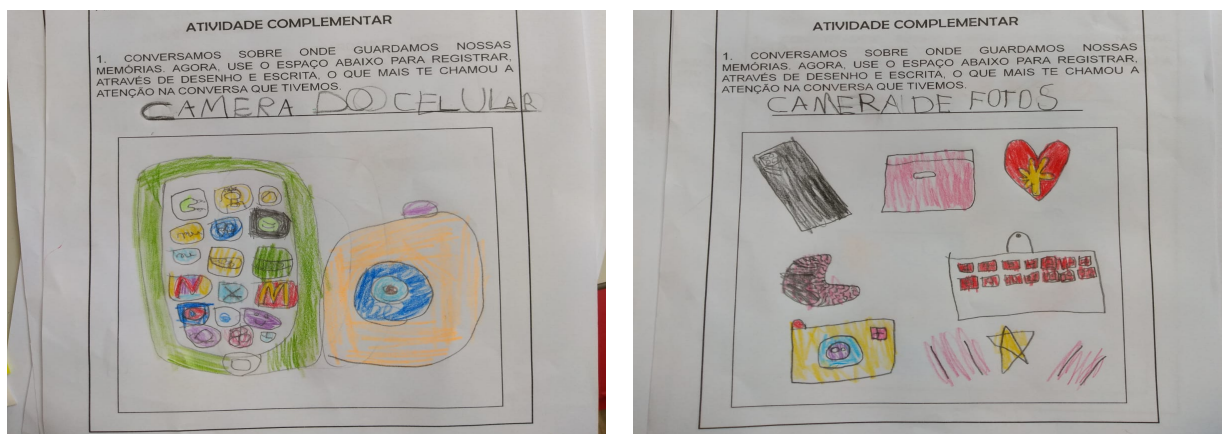
Figura 7 - Convite para “TRANSformação”



Fonte: Arquivo Pessoal. 2023.

Outra atividade a ser mencionada, deu-se com as crianças do Infantil 5, em que uma tarefa para casa solicitava que as crianças registrassem por meio do desenho onde a memória podia ser guardada. Para isso, em uma roda de conversa, realizada no início do dia, a professora regente questionou o grupo sobre onde poderíamos guardar nossas memórias, e as crianças responderam inicialmente “na cabeça e no coração”. Após a mediação da professora, com mais perguntas, as crianças chegaram à conclusão de que as fotografias também eram uma forma de guardar suas memórias, lembraram das fotos que seus familiares tiraram e tiram, e acabaram atravessando várias memórias importantes, para Samain, “toda imagem é memória de memórias, um grande jardim de arquivos declaradamente vivos” (Samain, 2012, p. 23). Com uma simples atividade, as crianças tiveram a oportunidade de conversar sobre a fotografia e como ela está presente em seus dias, sendo um importante dispositivo de registro, memória e ação.

Figura 8 e 9 - Atividade sobre Memória.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Por fim, e não menos significativo, atividades também eram desenvolvidas no Ateliê¹, esse espaço consiste em um lugar de investigação, onde as artes e as ciências se fazem presentes, através de contextos elaborados pela professora Atelierista. De acordo com Ostetto,

Criar diferentes cantos para as crianças brincarem aponta para uma proposta em que o professor não precise direcionar todo o tempo às atividades, favorecendo que fique disponível para aquelas crianças que precisam de maior atenção, bem como tendo mais tempo para observar as interações das crianças. Dessa forma poderá manter um contato mais individualizado com algumas e desenvolver atividades com um pequeno grupo de cada vez (Ostetto, 2017, p. 64).

Naquela ocasião, ela planejou contextos fotográficos, em um dos cantos investigativos haviam várias câmeras, uma delas ficou à disposição das crianças, deixando-as livres para registrar suas fotos da maneira que quisessem. Outro contexto investigativo, foi com argila, onde as crianças deveriam modelar sua própria câmera. Ainda houve a oportunidade das crianças registrarem suas fotos com o celular, e em uma impressora de temperatura instantânea a foto era impressa na hora. Desse modo, a Atelierista planejou 4 contextos, que ativaram diferentes conhecimentos e aprendizagens, mas todos com a fotografia em comum. Todos os registros realizados pelas crianças e pelas professoras, foram organizados em dois painéis, expostos logo na entrada da instituição, ficando visível para todos.

¹ O ateliê será ainda melhor descrito no capítulo 4, com a entrevista da Atelierista.

Figuras 10 a 15 - A Fotografia no Ateliê.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Logo, foi possível perceber que a instituição já tem um trabalho consistente com os registros fotográficos como dispositivo pedagógico, utilizando-o para formação, avaliação e planejamento. As crianças fazem parte de todo o processo, sendo também as protagonistas do ensino e aprendizagem, assim, “crianças e adultos somente se colocam diante de outros à medida que se sentem valorizados e aceitos em suas singularidades” (Proença, 2021, p. 33). Já as professoras, colocam em prática sua autoria e conseqüentemente, ativam sua memória, pois estão em um constante ato de registrar, analisar e compartilhar, tanto entre o corpo docente, como, com os familiares. Ainda para Proença (2021), registrar significa também

"historiar-se", ou seja, praticar o discurso narrativo e assim, ter a oportunidade de reinterpretar seu fazer docente. Por isso, a entrevista com as educadoras foi essencial para que ficasse visível como as fotografias são utilizadas na Educação Infantil, e como se dá esse processo de autoria e memória, além de oportunizar, um momento de revisitação e reinterpretação de seu próprio trabalho pedagógico.

3. APROFUNDANDO CONCEITOS

3.1 O mundo infantil e suas concepções

Antes de se debruçar sobre a leitura dos registros fotográficos, é necessário primeiro que se tenha um panorama acerca de educação, criança e infância, pois, segundo Freire (1986, p. 46), "a seleção do material, a organização do estudo, e as relações do discurso, tudo isso se molda em torno das convicções do professor". Desse modo, esse tópico busca destacar as concepções que envolvem o mundo infantil e sua educação.

Na etapa da Educação Infantil não se ensina, mas sim educa. Para muitos os conceitos podem ser enxergados como idênticos, no entanto, a diferenciação entre os dois é colossal. Educar é amplo, não limitante, vincula-se ao ato da educação integral do ser, desenvolvendo os aspectos psicológico, físico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996). Desse modo, o corpo da criança é indissociável, isto é, não basta mais somente o desenvolvimento cognitivo, é preciso enxergar agora a criança em sua inteireza.

A Educação Infantil, é um espaço da e para a coletividade, que não pode e não deve atuar com base nas transmissões e reproduções, o educar exige um processo de construção da aprendizagem conjunta, contrariando a lógica da fragmentação que logo chega às crianças do Ensino Fundamental. De acordo com Freire (1996, p. 23) "desde os começos dos processos, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado". O trecho do memorável livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, abre espaço para se falar do sujeito que é educado, no caso da Educação Infantil não o aluno, mas sim a criança.

Nota-se, mais uma vez, a diferenciação entre conceitos utilizados no mundo educativo infantil. Ser aluno/estudante está implicado na mesma lógica do ensino, ser aluno é já ser um ser fragmentado e disciplinado, assim, reconhecer a criança da Educação Infantil, é

reconhecê-la em toda sua completude. Partindo disso, a criança já é um ser capaz, que cria e produz, que têm múltiplas linguagens e mil e uma formas de se expressar, individual e coletivamente, “partir do princípio que as crianças são atores sociais competentes é condição para um trabalho que reconhece a cidadania no presente e não como um objetivo a ser alcançado no futuro” (Coutinho, 2017, p. 41). Logo, a criança é um ser de direitos, que já é, e não que virá a ser alguém, e que por isso, voltando a Freire, todos os atores sociais são considerados fundamentais para o processo educativo, inclusive (e principalmente) a criança.

Ainda cabe compreender o que é a infância, a construção do olhar sobre ela está diretamente conectada ao adultocentrismo, isto é, um “processo que invisibiliza crianças e adolescente enquanto sujeitos históricos de lutas e transformações sociais, que promove o apagamento da especificidade de suas vidas” (Cavalcante, 2021, p. 201), assim, o ser adulto está no centro em todas as relações, construindo uma dinâmica de hierarquização, dominação e subordinação. Além disso, a visão adultocêntrica está relacionada ao patriarcalismo e capitalismo, produzindo assim, um imaginário social sobre quais lugares meninos e meninas ocuparão.

Por conseguinte, compreende-se não mais a infância, mas sim, as infâncias no plural. Plural, haja vista que, as crianças se distinguem uma das outras nos tempos e espaços, ou seja, nos modos de ser e estar no/com o mundo, ademais, as relações de gênero, classe e raça, também atravessam e determinam a infância que cada criança desfrutará. A infância, assim, “não se resume a um determinado estágio de desenvolvimento, mas é um fenômeno social que não comporta olhares uniformes e homogêneos” (Brasília, 2018). A título de exemplo, uma criança negra do campo possuirá diferentes vivências em relação a uma criança da mesma idade, mas que é branca e vive no centro urbano da capital do país, portanto, desse modo, é possível enxergar que as infâncias são diversas e que “a imagem da criança é, acima de tudo, uma convenção cultural (e, portanto, social e política)” (Rinaldi, 2019, p. 156).

À vista de tudo que foi posto neste primeiro tópico, depreende-se que, o mundo infantil possui concepções ímpares e que, para estar nesse espaço é necessário compreender que “mais do que garantir uma rotina de cuidados, a escola para a criança pequena precisa se constituir como espaço educador” (Marina; Wolf, 2017, p. 61). Desse modo, todo o planejamento do educador deve estar entrelaçado com o cuidar e o educar, como já colocado pela Base Nacional Comum Curricular (2017), visando a potencialização dos sujeitos e sua formação crítica, sensível e autônoma. Além disso, é imprescindível a compreensão de que a

educação é política, e que por isso, exige luta e resistência frente à hegemonia imposta, apreendendo que

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos (Freire, 1996, p. 41).

Para o segundo tópico deste capítulo, visa-se então, compreender o que são os registros e como eles são objetos de aprendizagem para o professor e para as crianças.

3.2 Registrando e aprendendo

Os registros diários ainda não são vistos em toda sua potencialidade. Registrar o que se vive com as crianças é uma das formas de potencializar o que foi construído por aquele grupo de sujeitos. Para Ostetto (2017, p. 21), “o exercício do registro diário oportuniza, de maneira ímpar, a articulação entre aspectos teóricos e práticos implicados na ação docente, entre conquistas realizadas e desafios mapeados, entre o projetado e o concretizado”. Assim, os registros podem se tornar um documento reflexivo na prática da Educação Infantil.

Mas para além disso, os registros estão diretamente conectados à memória e à autoria. Eles são realizados cotidianamente de diversas formas, pela escrita, por áudios, por vídeos, por desenhos e pela fotografia. Registrar implica uma visão de mundo, ninguém registra da mesma forma, visto que, as concepções, os interesses, os estranhamentos e os maravilhamentos, são desenvolvidos por cada um em sua própria realidade. De acordo com Maria Proença,

A memória é vista como operante, repleta de vida, se exercita ao ser desafiada e estimulada diante da solicitação de recordar e refletir sobre experiências e vivências realizadas. Dessa forma, promove nova associação de ideias, ampliação ou reformulação de pontos de vistas anteriores, produzindo aprendizagens (Proença, 2021, p. 39).

Registrar, desse modo, pode ser percebido como um grande ato de coragem, pois se narra o que é vivido e experimentado. Registrar significa então, colocar a memória em constante trabalho, é dia após dia, narrar através dos registros o que se quer mostrar a si e aos outros. Na educação, esse ato é de grande valor quando concebido como instrumento de aprendizagens, como bem pontuou Proença, e ele só o será, se for compartilhado com o outro.

Nas instituições educativas, os registros sempre estiveram presentes na realidade do professor, seja em seu caderno individual, seja no famoso “diário de classe”, porém, nota-se que o registro aqui tem uma função intrínseca ao educador, sendo um documento fechado e excepcionalmente compartilhado, e quando o é, mostrado para outros educadores. Desse modo, registrar vincula-se muito mais ao ato de anotar sobre o comportamento e sobre o desenvolvimento (importante salientar que muito mais sobre o desenvolvimento cognitivo) das crianças, com um único objetivo: apresentar aos responsáveis das crianças e à equipe pedagógica o que foi trabalhado durante um determinado período, assim, os registros partem dos adultos e retornam também para eles. Dessa forma, ele acaba se tornando para o educador, um ato quase obrigatório e sem sentido, como uma grande “prestação de contas” a ser dada ao fim de cada percurso formativo, o que coloca mais uma vez os registros em um lugar de produto final, e não de trajetória. Segundo Pinazza e Fochi,

Não se trata apenas de compreender que os registros cotidianos dos professores precisam orientar o seu próprio fazer, mas de construir institucionalmente a possibilidade de que a reflexão a partir dos registros aconteça como parte do seu trabalho (2018, p. 17).

Além dos registros escritos do professor, existem também os registros realizados pelas próprias crianças. Na Educação Infantil o registro mais valorizado é o desenho, apesar de já ser uma grande conquista que essa forma de expressão da criança esteja sendo reconhecida e tão estudada, vê-se que sua construção no dia a dia é ainda dada de forma direcionada. Os desenhos são em sua maioria já ditados pelo educador, os traços e o olhar da criança já vão sendo treinados para como já dito pelos adultos, “não sair da linha”, a liberdade expressiva é assim, logo cedo cerceada. Em adição a isso, a exposição dos desenhos é ainda feita em murais altos, que podem ser visualizados pelas crianças apenas se elas olharem ao longe ou se tiverem o auxílio de um adulto, suas próprias produções não podem ser vistas por elas.

Como exposto, supervalorizam-se os registros escritos do e para o professor, já os registros das crianças ainda são colocados a serviço do adulto e para mera decoração do espaço físico. Logo, o principal ator social da Educação Infantil, a criança, têm suas histórias pouco exploradas e suas diversas formas de expressá-las são silenciadas, o adultocentrismo é assim, ainda marcante nas instituições educativas. Por conseguinte, no seguinte tópico busca-se olhar os registros de outra forma, detendo-se especialmente no que tangem os registros fotográficos.

3.3 Os registros fotográficos na Educação Infantil

Retomando ao primeiro parágrafo do tópico anterior, o ato de registrar relaciona teoria e prática, tal qual Freire já defendia como esforço do professor de diminuir a distância entre o discurso e a prática, tendo coerência no seu fazer educativo (Freire, 1996). Os registros assim, especialmente, os registros fotográficos, são uma forma de superar a dicotomia entre esses dois pontos chave do trabalho docente. A fotografia é uma forma de representação da realidade, isso significa dizer que a fotografia não é uma cópia fidedigna da realidade, mas se aproxima de muitas formas dela, consequentemente sendo um produto social.

Enquanto produto social, a fotografia permite que se enxergue diferentes camadas e por diferentes perspectivas, visto que, a tiragem de uma foto contém três sujeitos primordiais: quem fotografa, a tecnologia utilizada e o objeto fotografado. Uma única foto evidencia um espaço e um tempo, e mais que isso, evidencia as escolhas realizadas durante o processo, Proença (2021, p. 41), já revela que “ser autor do próprio percurso envolve fazer escolhas, assumir responsabilidades, articular desejos e pensamentos”. Assim, fotografar, como qualquer outro ato estético, é ser político. Por isso, para Brandimiller (2011), é de extrema importância que a alfabetização visual seja desenvolvida desde a Educação Infantil, formando um olhar sensível, que seja capaz de ler e compreender criticamente a cultura visual.

De acordo com Fantin, “a dimensão política-cultural da educação deve envolver as grandes transformações sociais no campo da economia, da ciência, da arte e das relações humanas” (Fantin, 2007, p. 1), assim sendo, a alfabetização visual e/ou midiática se faz emergente, haja vista que, segundo após segundo, a sociedade da informação é bombardeada por imagens e sons que a educa. Em uma sociedade patriarcal, racista e homofóbica, como a brasileira, falar de alfabetização midiática é falar de transformação e superação de uma educação dominante e opressora.

Para Silvio Almeida, “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (Almeida, 2018, p. 41), ele ainda evidencia que não só o imaginário sobre a cor é construído, mas também o do ser homem e mulher, bem como as concepções de gênero. Assim, o homem, branco, cisgênero e hétero é ainda a imagem que se perpetua na posição de poder e superioridade, uma concepção construída no imaginário social, que se reverbera diretamente na e pela educação. À vista disso, a alfabetização midiática consiste em aprender

a enxergar para além do que se vê, significa dizer que, o olhar é educado a se sensibilizar, refletir, criticar e questionar o que está dado.

As concepções acerca de educação para e com as mídias estão ainda, diretamente implicadas no currículo escolar, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica expõe que,

[...] Toda política curricular é uma política cultural, pois o currículo é fruto de uma seleção e produção de saberes: campo conflituoso de produção de cultura, de embate entre pessoas concretas, concepções de conhecimento e aprendizagem, formas de imaginar e perceber o mundo. Assim, as políticas curriculares não se resumem apenas a propostas e práticas enquanto documentos escritos, mas incluem os processos de planejamento, vivenciados e reconstruídos em múltiplos espaços e por múltiplas singularidades no corpo social da educação (Brasil, 2009, p. 24).

Logo, o currículo enquanto lócus de poder, pode negar ou afirmar, legitimar ou silenciar as pluralidades e a diversidade de saberes e de indivíduos. Assim, antes de se utilizar os registros fotográficos em uma instituição educativa, é preciso que as concepções de mundo sejam evidenciadas e dialogadas entre os sujeitos escolares, para que a reprodução de uma estrutura dominante não seja perpetuada, mas sim vencida e questionada. Quando Paulo Freire dialoga em *Pedagogia do Oprimido* sobre o conteúdo programático de uma instituição educativa, diz que “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política” (2020, p. 119-120), assim, cabe dizer que é escutando o outro que o currículo deverá ser organizado e permanentemente reorganizado, de forma flexível e adaptável. Um currículo construído e praticado deve envolver as pluralidades de seres, de existências, de vivências e de espaços, para que o corpo estudantil (professores, famílias, crianças, funcionários e comunidade local) sejam atingidos por uma esfera de transformação, criticidade e criatividade.

Evidencia-se, mais uma vez, que, dentro de uma instituição educativa, tudo se interliga, a interdependência é fator crucial para a vida da educação. O currículo está diretamente conectado à ação docente. Isto posto, os registros fotográficos só serão potentes se os atores escolares o reconhecerem como tal, enxergando-os como desenvolvedores da memória, da autoria, da criticidade, da autonomia e da criatividade.

Compreendendo a fotografia pela ótica política, social e cultural, podemos nos deter a partir de agora a fotografia também enquanto dispositivo pedagógico. Segundo Samain, as imagens são por natureza “poços de memórias e focos de emoções, de sensações, isto é, lugares carregados precisamente de humanidade” (2012, p. 22), desse modo, os registros fotográficos são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças pequenas e para o

trabalho docente, por serem substancialmente humanos, o que a educação também o é. As fotografias quando bem utilizadas, podem abarcar três grandes funções do educar: a avaliação, o planejamento e a formação, apesar de estarem totalmente interligadas, as próximas linhas serão dedicadas a explicar especificamente sobre cada uma delas.

Para falar de avaliação é preciso compreender que ela está plenamente guiada para o sucesso das crianças, para Hadji (1997), a avaliação deve informar a todos os atores do processo educativo o que se está fazendo e o que se espera. A avaliação, exclusivamente a formativa, é processual, acolhedora e autocorretiva, sendo assim, uma geradora de ações, a utilização das fotografias na rotina da Educação Infantil, serve então, como combustível para as avaliações do próprio professor, como também, das crianças. Como já exposto anteriormente, registrar está relacionado à memória e à autoria, assim, “a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamentos” (Samain, 2012, p. 31), desse modo, os registros fotográficos são para o professor um veículo para avaliar o que foi ou não realizado, o que foi sentido, pensado e tocado, a fotografia é, dessa maneira, uma grande coleção de evidências do que foi vivido durante determinado tempo e espaço, e principalmente, se os objetivos de aprendizagem propostos foram alcançados pelas crianças.

Apesar da avaliação pelo professor ser essencial, é importante falar também sobre as crianças, e como elas se avaliam através das fotografias. Lemos todos os dias diversas imagens, percebemos o que as compõem: pessoas, objetos, suas cores, formas e tamanhos, mas para além disso, também as interpretamos, de forma individualizada, de acordo com as vivências e aprendizagens construídas ao longo da vida. A partir disso, portanto, as crianças já tão potentes, avaliam o que enxergam e já conseguem refletir e dizer o que sentem ao ver uma imagem, o que está posto e o que poderia ser modificado. Assim, autoavaliam-se em seu próprio processo educativo, para Malaguzzi, não devemos jamais ensinar as crianças algo que ela possa aprender sozinha (Malaguzzi apud Rinaldi, 2019). Deste modo, apesar do professor ser de suma importância para o percurso, as crianças devem ser sempre estimuladas a observarem, refletirem e criarem suas próprias críticas, esse é o verdadeiro processo de construção da autoria e do protagonismo.

A observação das fotografias é, portanto, essencial para a avaliação formativa, é a forma de rememorar e replanejar o percurso educativo. É a partir disso que o planejamento e o replanejamento alicerçam-se nos registros fotográficos. De acordo com Brandão,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos modos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (Brandão, 1981, p. 7).

Desse modo, o que diferencia a educação que nos cerca a todo instante, da educação realizada dentro da Instituição Educativa é precisamente a intencionalidade pedagógica do fazer docente. O planejamento é o ato de antecipar e/ou projetar o que será realizado em sala, envolve conhecimento sobre a realidade em que se encontra a instituição e as crianças, bem como, de quais aprendizagens devem ser atingidas. Assim, planejar implica um educador pesquisador, que está sempre em busca de novas aprendizagens e novas estratégias, fundamentando toda ação planejada, este é o momento de somar a teoria à prática, para Freire “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (Freire, 1996, p. 38). Destarte, as fotografias podem ser um importante dispositivo para compreender as realidades vivenciadas na instituição, como também, podem subsidiar o próprio planejamento, já que elas são formativas por si só, isso quer dizer que, já carregam significações e pensamentos, que não são limitados. É importante compreender que quando se pensa em dispositivo, refiro-me a Agamben (2005, p. 37), que coloca que este deve sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o sujeito. Desse modo, o dispositivo é não limitante, pois afeta o sujeito e o produz.

Detendo-se sobre as fotografias para formação, é necessário compreender primeiramente que “a imagem é movimento, luz, cores, ritmos, ilusão de volumes, de profundidades, de texturas” (Leandro, 1997, p. 33), ou seja, em uma única fotografia somos transportados para um universo com diversas narrativas. Para Samain (2012), precisamos ser desbravadores das imagens, desdobrando-as inteiramente, isto quer dizer que, devemos ir para além do conteúdo aparente, precisamos olhar a fotografia como um todo, inclusive para aquilo que está velado. Encontra-se aí a fotografia como dispositivo formativo, tanto para o docente, como para as crianças, que,

Aprendem e desenvolvem-se nas relações com seus pares e com adultos, enquanto exploram os materiais e os ambientes, participam de situações de aprendizagem, envolvem-se em atividades desafiadoras, vivenciando assim suas infâncias (Brasil, 2018, p. 23).

Registrar pelas lentes, é assim, um caminho para que as crianças se descubram e descubram o outro, um caminho para contar suas histórias que só são enxergadas e criadas por elas. Antes mesmo do ato de captura, o processo formativo já começou, a curiosidade e a

exploração da câmera fotográfica, como segurá-la, como e onde se posicionar, onde apertar, para onde focar, o que se deseja fotografar, antes do “clique”, já existe um significativo processo de formação. Durante a ação de registrar, as crianças direcionam seu olhar a determinada cena que a chama atenção, estando totalmente envolvidas em um processo estético e político, que para Paulo Fraga significa dizer que, “por experiência estética pode-se compreender o processo de afetação da sensibilidade humana por tudo aquilo que contenha uma expressão sensória” (2012, p. 19). Logo, evidencia-se mais uma vez a importância da alfabetização visual, ainda de acordo com Fraga “esta ‘pedagogia do estético’ refina o senso crítico para a percepção e análise das formas mercadologicamente pasteurizadas da cultura, que servem à reprodução da dominação e da heteronomia, o que nega o princípio autônomo e liberador da arte” (2012, p. 22).

Como colocado anteriormente, não só as crianças, mas também, os professores se formam com a utilização dos registros fotográficos, considerando que o professor é fundamental na mediação da tiragem das fotos, bem como, seus próprios registros podem ser pelas fotografias, interligando-se aos outros dois importantes fundamentos da educação explorados anteriormente: a avaliação e o planejamento. Desse modo, voltamos à máxima de Paulo Freire “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (2020, p. 96), à vista disso, a fotografia é um meio que utilizado de forma crítica e formativa, potencializa e mediatiza a educação entre as crianças e os educadores.

4 REGISTRANDO NARRATIVAS: as entrevistas e a intervenção pedagógica

Para a realização das entrevistas, foi realizado previamente um roteiro, que serviu como orientação para as questões a serem realizadas durante os encontros com as educadoras. A primeira parte da entrevista consistiu em coletar os dados pessoais, como o nome, formação e o cargo dentro da instituição. Após suas respostas, a continuidade da entrevista se deu com algumas questões, essas sendo sobre as formas de registro utilizadas por elas; sobre como a fotografia era usada no cotidiano da Educação Infantil; sobre a importância dos registros fotográficos para a aprendizagem das crianças; sobre a reação das crianças às fotos; sobre os desafios para planejar atividades com a fotografia, considerando o tempo, os materiais e o espaço; e por fim, sobre como o professor pode imergir no mundo da fotografia.

Importante destacar que, por se tratarem de entrevistas semi-estruturadas, algumas questões não foram feitas e outras acabaram sendo adicionadas de acordo com o desenrolar da conversa e da pessoa, compreendendo o importante papel do pesquisador de perceber o que deve ser capturado.

4.1 Se disponibilizar para transformar o olhar: entrevista 1

A primeira entrevista foi realizada com a professora regente da Língua Materna, formada em Pedagogia, com pós graduação em Orientação Educacional e Psicanálise, Maria Júlia² atua na instituição há 10 anos, sempre na Educação Infantil. A primeira questão levantada à educadora foi sobre os registros que ela utiliza em seu dia-a-dia, a resposta obtida foi a de utilização da documentação pedagógica e das mini histórias, no entanto, a professora deu ênfase ao uso das fotografias, como dispositivo de revisitação, de acordo com ela, o seu registro diário está na memória do seu celular.

As fotografias, para a educadora, são também uma forma eficaz de capturar os momentos importantes que estão ocorrendo, ao contrário do diário de bordo³, por exemplo, que demanda maior disponibilidade e tempo. Para ela, esses registros auxiliam para um olhar mais crítico e sensível às crianças e ao seu desenvolvimento, podendo inclusive, servir como apoio ao planejamento e à realização dos relatórios, pois, para ela, “você só consegue olhar para criança quando você documenta, porque você começa a estudar sobre aquela criança” (Professora Maria, entrevista 1, 2023). Porém, esse olhar para as fotos, só se despertou a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), com as palavras da educadora: “ela convidou a gente para ter esse olhar sensível para as subjetividades das crianças”, já que antes, os relatórios sobre elas eram realizados de forma mecânica e com o famoso “copia e cola”. Hoje, a partir de muita prática, a professora relata que através das fotografias diárias, consegue enxergar as crianças de forma individualizada.

Por fim, questionada sobre as crianças, e qual a relação delas com as fotos, a entrevistada expõe que elas acabam se acostumando com os registros, e que inclusive, pedem que ela registre. Ela ainda menciona que, quer colocar em prática o movimento de registrar as fotografias e deixar que as crianças a vejam, selecionando quais fotos guardar e quais apagar,

² Foram utilizados nomes fictícios para todos os sujeitos da pesquisa, a fim de preservar o anonimato.

³ O diário de bordo consiste em mais uma forma de se registrar, bastando um caderno e uma caneta para fazê-lo (além da criatividade e criticidade). “A função primeira do diário é o registro detalhado, panorâmico e geral da prática educativa” (Saucedo; Regina; Weler; Cristina e Maria, 2012, p. 4), contendo as vivências que chamaram a atenção do educador. A fotografia, por sua vez, demonstra-se como possibilidade de ser também um dispositivo complementar ao diário, colaborando com o planejamento, avaliação formativa e formação docente.

o que nos leva a mais uma vez constatar que elas, mesmo tão pequenas, já possuem a capacidade de interpretar as imagens, e de estar em um processo de escolha. A educadora, finalizando, diz que é essencial a todo professor o hábito de fotografar, e que é necessário “se disponibilizar para transformar o olhar” (Professora Maria, entrevista 1, 2023), para Paulo Freire “faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador” (1996, p. 29). Assim, para se registrar na Educação Infantil é preciso prática e visão voltada para as crianças, para seus interesses e desinteresses, para seus movimentos e silêncios, enfim, para a vida infantil.

Com as falas da professora, foi possível destacar que para se fazer fotografias é preciso disponibilidade a fazer diferente, de forma significativa para si, mas principalmente, para as crianças. Os registros fotográficos precisam ser encarados como mais um dispositivo para a rotina das crianças pequenas, superando o costume da tiragem de fotos apenas em datas comemorativas, a serem entregues aos familiares a cada fim de um ciclo. Esses registros podem ir além:

não tem como eu não revisitar as fotos e revisitar as propostas, porque tem a ver com planejamento também, dar sequência ao planejamento, tudo isso, a foto e o registro é uma questão de prática e o professor tem que começar a desenvolver essa prática (Professora Maria, entrevista 1, 2023).

Assim, a educadora demonstrou a potência das fotografias para o planejamento, mas também, para a avaliação e formação, como já bem colocado por essa pesquisa.

4.2 Fotografaram a felicidade: entrevista 2

A segunda entrevistada foi a educadora Paula, formada em artes visuais e pedagogia, com especialização em neuropsicopedagogia, atuando como Ateliêrta na instituição. O Ateliê foi denominado por ela como um lugar de não conformismo e como uma extensão da sala de aula, onde as crianças têm a oportunidade de vivenciar diferentes experiências por múltiplas linguagens. Ela conta que dentro desse espaço, a organização se dá pelos contextos, lugares divididos, mas não segregados, pois eles dialogam entre si. As crianças têm autonomia para escolher o contexto que desejam explorar, porém, a educadora diz que

existem algumas orientações, como a quantidade que cabe em cada contexto e a necessidade do revezamento. Assim,

O espaço faz toda diferença no desenvolvimento de uma proposta e na aprendizagem da criança. Conforme esteja organizado, dá vez à exploração das diversas habilidades, ou não. (...) se o espaço não fala com elas, há apatia, falta de interesse, elas não participam das propostas com entusiasmo (Ostetto, 2017, p. 143).

Além disso, é preciso compreender o espaço como um produto social e histórico, ou seja, ele é essencialmente humano. Dessa forma, é preciso compreendê-lo para além da materialidade e organização, é necessário compreender as relações humanas que são construídas com e por ele. Paula afirma que para se estar no Ateliê, é preciso

tá pesquisando e estudando coisas novas pra trazer coisas novas e pra acompanhar essa geração, não só essa, como todas as gerações que vão surgindo, que sempre estão um pouco a frente da anterior, por conta da quantidade de informação e recursos que eles vão recebendo. Então o professor tem que ter sempre esse engajamento de pesquisa e não só de uma área, embora eu seja formada em artes visuais, o ateliê conversa com todas as linguagens (Professora Paula, entrevista 2, 2023).

Apesar de falar sobre o professor, a educadora focaliza nas crianças. O Ateliê é um espaço onde as crianças podem e devem perguntar, explorar, partilhar, criar e imaginar, para ela, é um lugar que tem uma grande função social, pois “muito mais que trazer letras e números, a Educação Infantil tem o papel fundamental em que ser humano nós estamos formando para essa sociedade” (Professora Paula, entrevista 2, 2023). Além disso, ela ainda pontua que ele “é um espaço democrático, não sou eu que trago, não sou eu que determino, eu provooco de acordo com o que eles estão vivendo”. Assim, a educadora reitera que as crianças já são, elas já são potentes, já são criativas e já tomam decisões. Dessa forma, foi evidenciada mais uma vez a importância de um trabalho que une a teoria à prática, pois só assim, para uma educação verdadeiramente respeitosa e emancipadora.

Após conversar em linhas gerais sobre a Educação Infantil, Paula contou um pouco sobre seus registros, assim como Maria Júlia, falou um pouco sobre as documentações pedagógicas e sobre as fotografias/vídeos. Para ela, as fotos são um reavivamento de momentos que a gente já não vive mais, é uma forma de contar uma história muito pessoal. No entanto, foi sobre a relação das crianças com as fotografias que a conversa se potencializou. De acordo com ela, no Ateliê, além da possibilidade de reavivamento, as crianças tiveram a oportunidade de ter acesso pleno à câmeras fotográficas e a impressora de temperatura instantânea. Esse ponto foi importante, pois para educadora, apesar de estarem

totalmente conectadas, as crianças não tem a verdadeira oportunidade de acessar esses aparelhos, pois os adultos sempre tendem a oferecer a câmera de brinquedo, assim, há “a identificação determinista da criança como sujeito fraco, como pessoa com mais necessidade do que direitos” (Rinaldi, 2020, p. 222).

Além de tudo que foi posto, a educadora compreende que as crianças têm muitas referências fotográficas e isso não faltou em suas fotos. Questionei sobre as fotografias das crianças e qual o olhar predominante delas, ela respondeu que no início, muito mais que o entusiasmo pelas fotos em si, as crianças se animaram com o aparelho, com o que cada botão fazia, com a lente, com a foto sendo impressa, etc., mas a educadora percebeu que tinham muitas fotos das brincadeiras, de objetos aleatórios, das educadoras e dos pés. Além disso, destacou a busca pelo espontâneo, acentuando a não preocupação com o borrado, com as caretas, com os sorrisos e com os movimentos, “eles trouxeram na fotografia a leveza que a fotografia trás, eles brincaram com a foto [...] acho que essa foi a beleza, não ter padrão, o único padrão que tinha era só a leveza e a brincadeira” (Professora Paula, entrevista 2, 2023). De mais a mais, Paula ainda salientou que, a câmera e a fotografia foram para além da imagem, foi pela experiência.

Logo, compreende-se que a fotografia permite que as crianças se reconheçam como protagonistas e como pertencentes, é um momento de autodescoberta. Na mão das crianças a câmera fotográfica se torna um grande mistério a ser desvendado e as fotos, por sua vez, tornam-se uma grande diversão, como Paula disse: “O *curiosar* é mais importante do que a foto em si, mas quando eles fotografaram, *fotografaram a felicidade!*” (grifos meus).

4.3 Desbravando imagens e criando histórias: a ação interventiva

Com o final do primeiro semestre e conseqüentemente, com a chegada das entregas de final de ciclo, a Instituição Educativa estava em uma grande movimentação para concluir tudo da melhor forma. Desse modo, o planejamento da intervenção pedagógica, (ver apêndice 2), foi diretamente afetado, visto que, o tempo disponível foi encurtado. As atividades (painel de fotografias e câmara escura) acabaram sendo condensadas em uma só atividade e momento, assim, nas próximas linhas que se seguem narrarei como foi a atividade com a turma do Infantil 4.

Anteriormente foram planejadas as atividades, com os objetivos e com os passos que se traçava seguir, assim, para o trabalho pedagógico infantil, “é imprescindível pensar os tempos, os ambientes, os materiais (...)” (Distrito Federal, 2018, p. 33). Acerca dos tempos, a

atividade foi realizada no primeiro horário do dia, de 07:45 às 09h, relativamente, tendo sido dividida em três momentos principais: roda de conversa, montagem da sequência de fotos e experimentação com a câmara escura e com a câmera do celular, a duração da atividade se deu respeitando a rotina que as crianças já estão acostumadas, o horário do acolhimento, às 07:20 e o horário do lanche, às 09:20. Já sobre os ambientes, dois foram nossos principais cenários: a nossa própria sala e o parque, na sala foi realizada a roda de conversa e a sequenciação das imagens, já no parque, as crianças exploraram a câmara escura e a câmera do celular.

Em relação aos materiais, foram utilizados para a roda de conversa, impressões (em tamanho A4) da primeira fotografia tirada no mundo, de um modelo da câmara escura e das 5 imagens para a história em sequência, as imagens também poderiam ter sido projetadas, porém, foi considerada a importância da proximidade com o material fotográfico, permitindo o manuseio das imagens pelas crianças. Para além disso, ainda houveram os materiais usados para construção da câmara escura, foram necessários: 1 caixa de papelão média, 1 cartolina preta, fita durex, lente de lupa, estilete e tesoura (materiais utilizados especificamente pela pesquisadora). Em adição a tudo que foi mencionado, a câmera do celular e o gravador estiveram presentes durante todo o processo, para registros e futura revisitação. Dessa forma, há de fato, a essencialidade de um trabalho pedagógico organizado previamente, tanto para segurança do professor, quanto para a das crianças.

No dia, todas as crianças do Infantil 4 estiveram presentes (11, no total), após o acolhimento, foi hora de fazer a roda, com todas sentadas em círculo, no chão, inicia-se a atividade. Começo com as perguntas questionadoras, a primeira delas sendo: “O que é a fotografia?”, e apesar de parecer simples, as crianças não conseguiram ter uma resposta direta para essa pergunta e acabaram por falar propriamente sobre como as fotografias eram tiradas, para Sammain (2018, p. 30), “a imagem é um fenômeno na medida em que é, com efeito, o resultado de um *processo* que combina *aportes dos mais variados*” (grifos da autora), isto é, há o suporte: uma câmera, a luz, as próprias pessoas etc., assim sendo, as crianças não se afastaram totalmente da questão lançada, pois já compreendem que alguns aportes fazem parte da fotografia.

À vista disso, para elas, os aportes que estão no processo da fotografia são o celular e o tablet, que registram as fotos, o computador que as guarda, e elas mesmas, já que contaram com entusiasmo, que tiram fotos de si, dos animais, dos amigos e da família, reconhecendo-se como parte do processo. As respostas das crianças demonstraram sua interpretação de acordo com seu tempo e realidade, de acordo com Luana (4 anos), as

imagens são tiradas dessa forma: “só apertando o botãozinho e sai, e aí elas ficam guardadas no celular”. Desse modo, crianças que nasceram em 2017, já totalmente imersas na era digital, são infâncias mediadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), que

(...) Aprendem rapidamente como utilizar as tecnologias digitais e como encontrar a informação que desejam. Elas possuem, no mesmo dispositivo tecnológico, um computador ou um celular, formas de brincar, de aprender, de interagir com os outros por meio da rede, de construir seu conhecimento e de se relacionar, além da ubiquidade e da mobilidade de acesso à informação e à comunicação. São crianças para as quais o mundo digital faz parte do seu cotidiano e que, muitas vezes, não sabem o que é não estarem conectadas (Borges e Avila, 2015, p. 66).

Ouso dizer, aliás, que essas crianças estão o tempo inteiro conectadas, pois é necessário pensar que quando falamos em conexão com as TDIC's, não estamos falando apenas dos aparelhos que utilizamos, mas também de todas as informações e comunicações a que estamos submetidos a todo tempo, seja pelos sons, seja pelas imagens. E as fotografias, como já colocado em outros momentos durante essa pesquisa, educa-nos a todo momento, formando novas visões de mundo.

A partir disso, questionei qual tinha sido a primeira foto tirada no mundo e se ela tinha sido tirada pela câmera do celular, para elas, crianças da “cyber-infância” (Dornelles, 2005 apud Borges e Avila, 2015, p. 61) a resposta era óbvia: sim, tinha sido tirada do celular. Mostrei, então, a primeira foto do mundo, tirada por Joseph Nicéphore Niépce, em 1816, com sua câmara escura, da janela de sua casa. Fui contando para as crianças sobre como a foto tinha sido tirada, perguntei então, o que era a câmara escura e uma delas disse, de forma bem objetiva: “uma câmera que fica com a tela preta” (Manuela, informação verbal, 2023). Já ao serem questionadas sobre o tempo para a tiragem da foto, começaram os lances “1 milhão de anos”, “50 horas”, “9 horas”, revelei que a foto foi produzida durante 8 horas e elas ficaram surpresas ao saberem que as fotos não eram instantâneas como são hoje.

Além disso, conversamos sobre o que tinha na foto, exercitando a leitura de imagens, para uma era evidente que havia uma árvore, já as outras crianças demonstraram dificuldade em imaginar o que estaria ali, fomos então conversando e tentando desvendar o que estava registrado (a rua, prédios e casas). Foi uma boa atividade para ativar a interpretação da imagem e para compreender o avanço tecnológico das fotografias, desde os

aparelhos, até as novas perspectivas de mundo, percebendo que tudo se transforma e que todos são afetados por essas mudanças.

Figura 16 - A primeira foto do mundo.



Fonte: DW.com, 2023.

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1816-primeira-fotografia/a-515945>.

Logo, partimos para a câmara escura, peguei a grande caixa e coloquei bem no meio da roda, sem demora perceberam que era aquele objeto a câmara da qual havíamos conversado. Passei então a caixa pelas mãos curiosas das crianças, elas foram cuidadosamente explorando o que tinha e o que cada parte fazia, notaram principalmente a tela e a lente. Ao colocarem a pequena tela no rosto, prontamente perceberam que a imagem saía em forma de círculo, o formato da nossa lente, na sala, porém, não conseguimos ver todo o potencial da câmara⁴. Por isso, levei a caixa para o parque, e deixei ela ali, com a intenção de que as próprias crianças buscassem explorar sozinhas a câmara, e foi o que ocorreu, Luna pegou a caixa e começou a apontar para o sol, logo gritou “olha, prof, a luz tá passando por aqui, eu tô vendo”, e logo depois, começou a chamar as outras crianças para experimentarem o material.

Figura 17 - Conhecendo a câmara escura

⁴ Foi percebido mais tarde pela pesquisadora, que com a exploração das crianças, a imagem não refletiu na tela, pois o cilindro, feito de cartolina preta, que vai dentro da caixa, acabou se encostando na tela, dessa forma, não houve espaço para ocorrer o processo de reflexão. Para próximas oportunidades, é importante que haja um trabalho mais apurado em cima do material da câmara escura, focando também na estética da caixa. Apesar disso, as crianças já ficaram entusiasmadas e curiosas com a luz que atravessava dentro da caixa, aproveitando totalmente o material que estava em suas mãos.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Foi um processo puramente dialógico, em que as crianças a partir de conversas e experimentações, aprenderam umas com as outras, desse modo, fica evidente a importância do professor como mediador dessas relações, estando sempre atento às dúvidas e preparado para estimular as crianças a fazerem mais.

Figuras 18 e 19 - Luz, câmara escura, ação!.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ademais, aconteceu outra experiência significativa durante nosso momento de brincadeiras no parque, Eduardo pediu o celular emprestado para tirar fotos. A partir desse momento, um verdadeiro álbum da turma foi construído, pois logo, não só Dudu estava

registrando, mas todos os seus amigos começaram a experimentar a câmera, tirando fotos por todo o parque.

Figuras 20 a 28 - O álbum da turma.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Dessas nove imagens tiradas por diferentes crianças, foi possível enxergar as múltiplas visões de mundo que elas possuem, da mesma forma sobre como se deu o manuseio do dispositivo fotográfico. Primeiro é importante mencionar sobre o quanto as crianças se sentiram à vontade com a câmera, seja em usá-la, seja para ser fotografado, percebi, dessa forma, que elas se sentem extremamente confortáveis umas com as outras, e que aquela dinâmica para elas, acabou por se tornar uma grande brincadeira.

Para além disso, é possível reconhecer ainda, que elas registraram o que é próximo a sua realidade, isto é, o que faz parte de seu mundo, tiraram fotos dos colegas brincando, da educadora e de objetos que fazem parte de seu cotidiano, como a boneca e a mochila. Quando o Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018), trás sobre a dimensão do “O eu, o outro e o nós”, reflete bem sobre o que foi esse momento vivenciado pelas crianças no parque, uma verdadeira (re)descoberta para elas, do que faz parte de seu mundo, o que a rodeia e o que a motiva. Assim, perpassando pela “constituição da autonomia, da autorregulação, do autocuidado, bem como dos sentimentos de reciprocidade” (Distrito Federal, 2018, p. 63), a fotografia permitiu, então, que as crianças não tivessem só o contato com o aparelho fotográfico em si, mas também, com a construção e reconstrução de sua própria identidade, percebendo-se como autores daquela ação: o registrar. Esse foi o momento da transformação da pesquisa-ação, a hora em que as crianças se viram como construtoras de sua própria realidade, saindo do lugar de espectadores, para protagonistas.

Por fim, a última parte da intervenção se deu ainda em sala. As crianças viram as 5 imagens uma por uma, e logo após, todas elas foram colocadas no meio da roda. Essas fotografias foram escolhidas, tendo em vista dois principais aspectos: para um adulto, elas já tinham uma sequência lógica, dessa forma, desejava analisar como seria a construção pelas crianças, qual lógica sequencial elas seguiriam; o segundo aspecto trata sobre as fotografias em si, o conteúdo das fotos fazia parte da realidade das crianças: outros colegas brincando e aprendendo.

Assim, seguimos com a montagem da história fotográfica, com as imagens no chão, solicitei primeiro que as crianças olhassem para elas e dissessem o que viam, começaram reconhecendo as pessoas, algumas sabiam os nomes e outras sabiam características das crianças, citando a personalidade dos meninos. Reconheceram também a professora e os objetos predominantes nas fotos, as miçangas, as linhas e muitos números e brinquedos em cima do tapete. Após esse primeiro momento de reconhecimento, pedi para que elas tentassem imaginar o que estava acontecendo, duas falaram com convicção que eles estavam

fazendo um alinhavo, o que demonstrou mais uma vez o repertório construído pelas crianças a partir das vivências de ensino e aprendizagem proporcionados pelas educadoras, haja vista que, a brincadeira do alinhavo foi realizada na sala do Infantil 4 em semanas anteriores. Dessa forma, em um movimento de associação, relacionaram os objetos que viam à ação do alinhavo. Fomos dialogando e eles foram montando sua história, colocando-a em ordem, de primeira colocaram na sequência que se imaginava, mas após serem questionados se só havia uma forma de contar a história, logo começaram a mover as fotos e modificar a história, colocando o final no início e vice-versa.

É necessário mencionar que a última parte da intervenção não ocorreu como planejada. Pelas atividades terem sido condensadas em um único dia, foi notado que as crianças ficaram cansadas, com algumas inclusive, dispersando-se da roda. Apesar disso, ainda foi importante para pesquisa, visto que, em mais um momento as crianças demonstraram sua potência em interpretar, criar e imaginar suas histórias através das imagens.

Diante disso, no entanto, o painel com a história fotográfica que tinha sido planejado não foi posto em prática, pois para as crianças e também para a pesquisa, a câmara escura e a câmera do celular tiveram um impacto ainda mais significativo, o que nos leva de volta ao planejamento e avaliação. Só através de uma avaliação sensível, foi possível perceber que o planejamento poderia tomar novas formas e sentidos, haja vista que “quem avalia está de fato avaliando a si mesmo. O grupo que avalia, avalia o próprio grupo, ou seja, se solicita uma autoanálise, uma autorreflexão que permita criar inovações” (Moro e Coutinho, 2018, p. 7), reconhecendo assim, que ele não foi perdido, mas sim ressignificado, para tanto, o planejamento que escuta as crianças é um planejamento que faz e tem sentido.

Portanto, a intervenção pedagógica alcançou seus objetivos, as crianças tiveram oportunidade de estar em contato direto com diferentes aportes do mundo fotográfico, podendo ser os próprios autores de suas fotos e histórias. Mas muito mais que isso, puderam estar em um real movimento de interação com o outro e consigo mesmo, reconhecendo-se como parte fundamental do processo. Assim,

Para ser professora da Educação Infantil é preciso sonhar e acreditar no potencial das crianças e da educação que se faz no cotidiano das escolas. É preciso olhar através dos olhos dessas crianças para conhecer o universo infantil, sonhando junto com elas, imaginando e pegando carona em suas fantasias e imaginações para criar um planejamento rico e significativo (Ostetto, 2017, p. 155).

Desta maneira, a educação vai se fortalecendo, de forma democrática e significativa, pois é construída de forma dialógica, em uma relação em que crianças e adultos se potencializam.

4.4 Vislumbrando o futuro: a cartilha educativa

Objetivando que a pesquisa seja divulgada para além do campo acadêmico, uma cartilha educativa foi produzida, visando alcançar principalmente, outros educadores da Educação Infantil. De acordo com Annecy Giordani (2020, p. 8), “mesmo se tratando de um material informativo, a cartilha tem caráter educativo e deve se fundamentar em conhecimentos acadêmico-científicos”, além de, conter uma linguagem clara e objetiva, com um visual atraente e leve. Dessa forma, o material foi produzido pelo aplicativo Canva, a fim de ser uma produção digital, mas também de ser impressa se for necessário, sendo acessível ao público-alvo de diferentes formas.

Além disso, objetiva-se a partir da cartilha, que um novo olhar sobre os registros seja desvelado, compreendendo a fotografia como um potente dispositivo pedagógico, de ensino e aprendizagens. Assim, alcançando o principal objetivo da pesquisa-ação: o de transformação, entendendo que ela “não é só uma questão de métodos e técnicas. (...) A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 48), assim, é uma nova visão sobre/com e para as crianças, através das imagens. Confira abaixo a prévia da cartilha⁵:

Figuras 29 a 31 - Cartilha Educativa:

⁵ Para ver a cartilha no formato original e completa, acessar o link e/ou ir até o apêndice 1: https://www.canva.com/design/DAFnVJkskEk/JDkusmfrQQbsv9WjhcN5yA/edit?utm_content=DAFnVJkskEk&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Em poucas páginas a cartilha educativa trouxe a potencialidade que a fotografia tem para o fazer pedagógico. Compreendeu tanto explicações sobre os registros fotográficos e sobre as crianças, como envolveu sugestões de atividades para/com as crianças pequenas, além de sugestões para a utilização desses registros pelo próprio educador. A cartilha, portanto, é um documento que busca encorajar os professores a se arrisarem no mundo da fotografia, transformando seu olhar sobre a Educação Infantil e as fotografias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: aqui ainda não é o fim!

Com os estudos construídos ao longo dessa pesquisa, foi possível alcançar algumas conclusões, mas compreendendo que esse foi apenas o início de um caminho pelas fotografias no mundo infantil. O objetivo principal da pesquisa era o de compreender como os registros fotográficos poderiam ser utilizados como dispositivo pedagógico na Educação Infantil, e chegamos a alguns resultados importantes.

A partir da pesquisa bibliográfica e dos dias vividos ao lado das crianças, foi possível compreender que as infâncias são plurais, e que as linguagens exploradas e expressas são infinitas. As crianças são, portanto, pessoas que já são, que se comunicam, criam, imaginam, tudo através de suas brincadeiras, sendo verdadeiras produtoras de cultura.

Além disso, foi possível ainda, entender a função do educador como mediador das relações vivenciadas na Educação Infantil. O professor tem como essencialidade, confiar no potencial das crianças, sempre criando propostas de aprendizagens que sejam desafiadoras, atrativas e divertidas, pois nunca é demais dizer: as crianças aprendem brincando! Logo, é necessário um professor pesquisador, que esteja em um processo constante de aprendizado, porque confiando em si, confia no outro.

Com as entrevistas e com a intervenção pedagógica, foi possível entender como as fotografias são utilizadas como dispositivo pedagógico no cotidiano com as crianças pequenas, percebendo que de fato, elas podem (e devem) ser encaradas como uma forma de registro, utilizadas para avaliação, formação e planejamento. As crianças demonstraram que antes mesmo do “clique”, elas já se encontram em um significativo processo educativo e formativo, pois precisam explorar o aparelho fotográfico, e compreender como se dão os processos para a tiragem das fotografias, estando em um momento de autodescoberta e de tomada de decisão, ou seja, uma situação essencialmente estética e política.

Além disso, compreendeu-se que os registros fotográficos são para o professor um veículo para avaliar o que foi ou não realizado, o que foi sentido, pensado e tocado. Eles são, dessa maneira, uma grande coleção de evidências do que foi vivido durante determinado tempo e espaço, e principalmente, se os objetivos de aprendizagem propostos foram alcançados pelas crianças. A observação das fotografias é, portanto, essencial para a avaliação formativa, é a forma de lembrar e replanejar o percurso educativo, sendo assim, primordial para o dia-a-dia do educador.

Por sua vez, o grande desafio encarado durante a pesquisa foi a “corrida contra o tempo”, a necessidade de replanejar a intervenção pedagógica, tendo em vista o final do primeiro ciclo, foi desafiador, pois foi o momento de reavaliar todo o plano e reestruturá-lo de outra forma. Para outra oportunidade, então, seria importante que as atividades fossem realizadas em dias ou momentos diferentes, para que as crianças tivessem tempo para aproveitar cada uma delas. Assim, estar dentro de uma instituição educativa faz todo educador virar um grande malabarista. É preciso equilibrar o tempo dos adultos e o tempo das crianças, que são totalmente opostos.

Em síntese, estar em um processo de pesquisa é uma oportunidade para ser autor de sua própria história. Senti-me assim durante todo o percurso investigativo, como a protagonista de um importante momento. As fotografias me impulsionam a pausar o tempo, é um momento de parar e registrar o que é essencial, logo, escrever sobre os registros fotográficos com as crianças pequenas foi unir duas coisas potentes e reais. Para Samain,

“não nos satisfazemos de olhar as imagens. Procura-se entendê-las, como se faria diante de um enigma ou de um texto criptografado” (2012, p. 38), e assim é também diante das crianças, que apesar de serem muito simples, guardam também grande complexidade. Desse modo, encontrei-me em um processo desafiador e encantador, pois foi preciso desvendar o mundo infantil e o mundo fotográfico.

Por fim, para o futuro, espera-se que com a cartilha produzida, cada vez mais os registros fotográficos sejam desvendados e utilizados com as crianças pequenas. Ela foi uma forma de potencializar a discussão trazida nesta pesquisa, para que não seja um fim, mas apenas um estímulo para que outros educadores pesquisem mais e mais sobre a relação das fotografias com a Educação Infantil. Além disso, espera-se ainda que, os registros fotográficos comecem na fase da infância, mas que se perpetuem pelas outras faixas etárias, pois o princípio é o mesmo: as fotografias são potentes e substancialmente humanas, e a educação também é!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. 2009. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Argos. Disponível em:

<https://campodiscursivo.paginas.ufsc.br/files/2020/04/TEXT0-10-O-que-%C3%A9-um-dispositivo-Agamben.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen: 2019. Disponível em:

https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

BORGES, Martha Kaschny. AVILA, Silviane De Luca. **Modernidade Líquida e Infâncias na Era Digital**. Cad. Pes., São Luís, v. 22, n. 2, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v22.n2.p.102-114>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod_resource/content/1/O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 02 jan. 2023.

BRANDIMILLER, Julia Burger. **Exercícios do olhar - a fotografia na Educação Infantil**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29265>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010a.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. **A experiência de ser bebê na creche: o ator social e a constituição da docência**. Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 1 - 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340285518_A_EXPERIENCIA_DE_SER_BEBE_NA_CRECHE_O_ATOM_SOCIAL_E_A_CONSTITUICAO_DA_DOCENCIA_THE_EXPERIENCE_OF_BEING_A_BABY_IN_THE_NURSERY_THE_SOCIAL_ACTOR_IN_THE_TEACHER_CONSTITUTION. Acesso em: 20 nov. 2022.

DEVECHI, Catia Piccolo Viero; TREVISAN, Amarildo Luiz. **Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência ?** Revista Brasileira de Educação, Abr. 2010, v.15, n.43, p.148-161. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a10v15n43.pdf> Acesso em: 31 out. 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento do DF: Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2018.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>
Acesso em: 31 out. 2020.

FANTIN, Monica. **Alfabetização Midiática na Escola**. Campinas: 2017. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss15_06.pdf.
Acesso em: 11 dez. 2022.

FILHO, Targino de Araújo; THIOLENT, Michel Jean-Marie. **Metodologia para Projetos de Extensão: Apresentação e Discussão**. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos: Cubo Multimídia, 2008.

FRAGA, Paulo Denisar. **Sobre cinema e educação estética**. Revista Espaço Acadêmico - Nº 137 - Outubro de 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/article/download>.
Acesso em: 02 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIORDANI, Anney Tojeiro. **Normas editoriais: orientações aos autores**. Cornélio Procopio: Editora UENP, 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marian de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/at_download/file. Acesso em: 30 set. 2020.

LEANDRO, Anita. **Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36974/39696>. Acesso em: 02 jan. 2023.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf> Acesso em: 31 out. 2020.

MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Editora Pioneira Thompson Learning, 1999.

MORO, Catarina; COUTINHO, Angela Scalabrin. **Avaliação de contexto como processo formativo**. Vitória, ES. a. 15, v.20, n. 47, p. 90-112, Jan / jul 2018. Acesso em 24 set. 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/21333/14204>.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Registros na educação infantil: Pesquisa e prática pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2017.

PROENÇA, Maria A. **O Registro e a Documentação Pedagógica: entre o real e o ideal...o possível**. 1. ed. - São Paulo: Panda Educação, 2021. 248 pp.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

Rodio Saucedo, Kellys Regina, Enis Weler, Kely Cristina, Wendling Cléria Maria. O DIÁRIO DE BORDO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIA NO PIBID DE PEDAGOGIA. Espaço Plural, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944368008.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia - O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

7 ANEXOS



Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Laisa Bianca da Silva Alves, autorizo a utilização da minha imagem, no projeto de pesquisa intitulado "Registração: as Infâncias pelas Lentes", sob responsabilidade de **Kétrin Helena Silva Félix dos Santos** vinculada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Laisa Bianca da Silva Alves

Assinatura do (a) participante

Kétrin Helena S. F. dos Santos

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, 06 de julho de 2023



Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Marília Silva das Neves, autorizo a utilização da minha imagem, no projeto de pesquisa intitulado “**Registração: as Infâncias pelas Lentes**”, sob responsabilidade de **Kétrin Helena Silva Félix dos Santos** vinculada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Marília S. das Neves
Assinatura do (a) participante

Kétrin Helena S. F. dos Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, 06 de julho de 2023

8 APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Cartilha






VISLUMBRANDO O FUTURO...

Essa cartilha foi desenvolvida a partir do Trabalho Final de Curso: "Registração: as infâncias pelas lentes", apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito básico para conclusão da graduação em Pedagogia. Objetiva-se aqui, dialogar com os educadores da Educação Infantil, sobre a fotografia como um potente dispositivo pedagógico no cotidiano com as crianças.

Para tanto, o trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa-ação, envolvendo o estudo bibliográfico e a atuação interventiva em uma instituição educativa, com crianças de 4 anos. Além disso, incluiu também entrevistas com duas educadoras, uma professora regente e uma Ateliêrta.


Logo, essa cartilha de poucas páginas, é um convite a um novo olhar para as crianças, infâncias e fotografias.



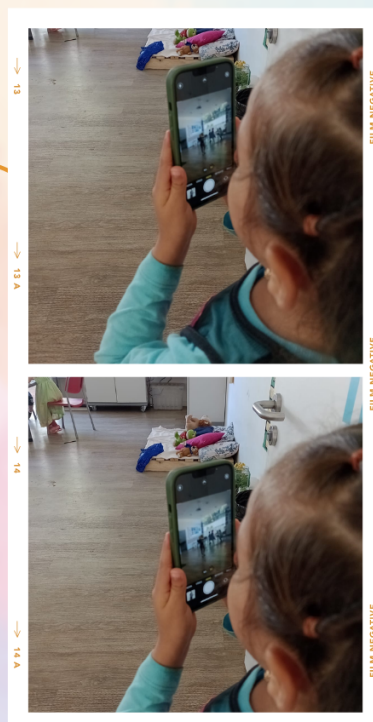


A CRIANÇA JÁ É!

Reconhecer a criança da Educação Infantil é a reconhecer em toda sua completude. Elas são inteiras, observam, refletem, analisam, criam, imaginam, não se fragmentam para ser e estar, elas tem múltiplas linguagens e as expressam a todo momento. Logo, “partir do princípio que as crianças são atores sociais competentes é condição para um trabalho que reconhece a cidadania no presente e não como um objetivo a ser alcançado no futuro” (COUTINHO, 2017, p. 41). A criança já é!



Criança aprende brincando!





REGISTRANDO TRAJETÓRIAS

Toda cultura produzida pelas crianças é um marco e uma memória construída, e essa, por sua vez, é construtora de identidade. Uma tentativa de guardar essas memórias é através dos registros diários, que quando bem articulados e bem planejados, tornam-se documentos reflexivos, que possibilitam o diálogo e a partilha de saberes. Na Educação Infantil, esses registros tornam assim, professores e crianças, em autores de sua própria história, sendo capazes de retomar o que foi experienciado.



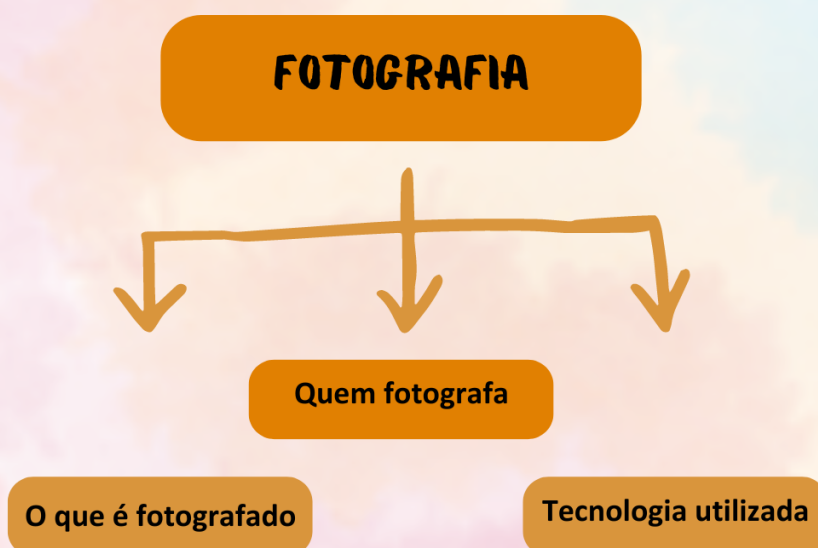
A fotografia não como um produto final, mas como um registro das vivências trilhadas.





A FOTOGRAFIA COMO REGISTRO

Os registros fotográficos são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças pequenas e para o trabalho docente, por serem substancialmente humanos, o que a educação também o é. Uma única foto evidencia um espaço e um tempo, e mais que isso, evidencia as escolhas realizadas durante o processo:





REGISTRANDO PELAS LENTES



Pertencimento

Autoria


Experimentações

Autodescoberta



FOTOGRAFIA FORMATIVA

Antes mesmo do ato de captura, o processo formativo já começou, a curiosidade e a exploração da câmera fotográfica, como segurá-la, onde apertar, para onde focar, o que se deseja fotografar... antes do “clique”, já existe um significativo processo de formação. Durante a ação de registrar, há o direcionamento do olhar a determinada cena que chama atenção, envolvendo-se em um verdadeiro processo estético e político.



Na mão das crianças a câmera fotográfica se torna um grande mistério a ser desvendado e as fotos, por sua vez, tornam-se uma grande brincadeira!





FOTOGRAFIA PARA AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO

Os registros fotográficos são para o professor um veículo para avaliar o que foi ou não realizado, o que foi sentido, pensado e tocado. Eles são, dessa maneira, uma grande coleção de evidências do que foi vivido durante determinado tempo e espaço, e principalmente, se os objetivos de aprendizagem propostos foram alcançados pelas crianças. A observação das fotografias é, portanto, essencial para a avaliação formativa, é a forma de lembrar e replanejar o percurso educativo.



Interpretação &

Leitura de imagens



FOTOGRAFANDO...

Confiar nas crianças e na sua potencialidade é o primeiro passo para uma educação significativa e acolhedora. Que tal oportunizar às crianças pequenas experiências com a câmera fotográfica?

“A imagem é movimento, luz, cores, ritmos, ilusão de volumes, de profundidades, de texturas” (LEANDRO, 1997, p. 33), ou seja, com a fotografia somos transportados para um universo de diversas narrativas. Quais histórias as crianças vão nos contar?

ALGUNS APARELHOS



As crianças são recíprocas, se a criança sente que faz parte do processo ela irá ser cuidadosa! Converse, oriente e confie!



LUZ, CÂMARA ESCURA, AÇÃO!

Oportunizar diferentes linguagens às crianças pequenas é função de todo professor, oferecer diferentes materiais e experiências é fundamental para o desenvolvimento delas.

Aprender sobre a história da fotografia pode ser um momento importante para a turma. As câmeras sempre foram pequenas e leves? As fotos saíam automaticamente? Qual foi a primeira foto tirada no mundo? São provocações que podem ser um pontapé inicial para uma longa jornada pelo mundo fotográfico.

Entendendo a relação entre a construção da imagem e a luz através da câmara escura.



ERA UMA VEZ...

Essa atividade envolve: análise, reflexão, interpretação, imaginação e criação. Escolha algumas fotografias, compartilhe com a turma e peça que as crianças olhem com atenção para cada foto. O que cada uma está narrando? E que tal, criar uma história a partir das fotografias?

Qual história podemos criar com essas imagens? Em que ordem você as colocaria? Quais são os personagens dessa história?



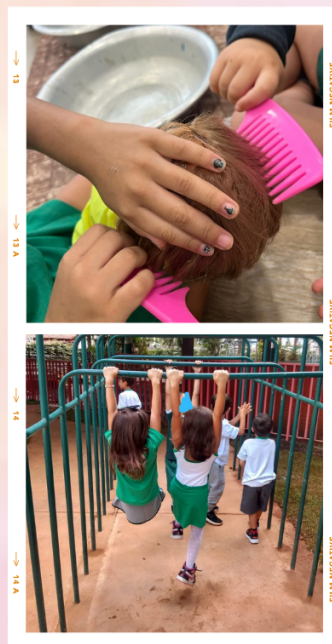
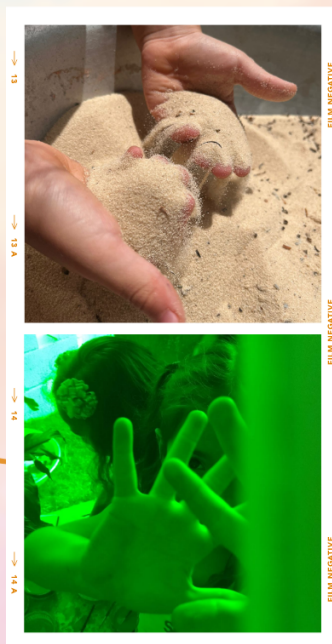
Professor, se necessário, você pode começar a história, mas estimule que as próprias crianças imaginem e criem!



DOCUMENTANDO...

A documentação pedagógica é uma forma de registrar o que foi vivenciado com as crianças. Para isso, você educador, só precisará de uma câmera de celular e um olhar sensível para as ações das crianças. Fotografe os momentos mais significativos para a turma, selecione as fotos que fazem transparecer a importância daquele momento e por fim, compartilhe com todos. As fotografias contam histórias!

O que essas
fotos te
contam?






CONCLUINDO...

Essa curta cartilha buscou trazer em poucas páginas a potencialidade que a fotografia tem para o fazer pedagógico. Compreendeu tanto explicações sobre os registros fotográficos e sobre as crianças, como envolveu sugestões de atividades para/com as crianças pequenas, além de sugestões para a utilização desses registros pelo educador. Pare, observe, encante-se e fotografe!

"Toda imagem nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de *real* para roer, ora uma faísca de *imaginário* para sonhar"
(SAMAIN, 2012, p. 22)



REFERÊNCIAS:

COUTINHO, Ângela Scalabrin. A experiência de ser bebê na creche: o ator social e a constituição da docência. Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 1 - 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/340285518_A_EXPERIENCIA_DE_SER_BEBE_NA_CRECHE_O_ATOM_SOCIAL_E_A_CONSTITUICAO_DA_DOCENCIA_THE_EXPERIENCE_OF_BEING_A_BABY_IN_THE_NURSERY_TH_E_SOCIAL_ACTOR_IN_THE_TEACHER_CONSTITUTION. Acesso em: 20 nov. 2022.

LEANDRO, Anita. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36974/39696>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

APÊNDICE 2- Planejamento da atividade interventiva**PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Professora: Kétrrin Helena
Turma: Infantil 4BM
Tema Integrador: Desbravando imagens e criando histórias
Objetivo Geral: Compreender as fotografias enquanto linguagem, que comunica e cria sentidos.
Objetivos de desenvolvimento e Aprendizagem: <ul style="list-style-type: none">- Currículo em Movimento<ul style="list-style-type: none">● Conhecer a história da fotografia, como ela surgiu e como ela evoluiu ao decorrer do tempo● Descrever e interpretar imagens dispostas em fotografias, para descrever características de objetos, personagens, cenas de histórias e situações cotidianas (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 83).● Gravar em celular, ver e ouvir suas produções individuais e coletivas, identificando elementos tais como: cores, formas, ângulos, objetos, pessoas;● Comunicar ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos utilizando fotografias e narrativas, a fim de montar e expor um arranjo visual. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 65);

Conhecimentos abordados:

História da Fotografia;

Comunicação de ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos utilizando fotografias e narrativas;

Descrição e interpretação de imagens dispostas nas fotografias: objetos, personagens, cenas de histórias e situações cotidianas; Identificação de elementos da fotografia: cores, formas, ângulos, objetos, pessoas;

Procedimentos metodológicos:

As imagens carregam em si grande poder narrativo, visto que é composta por diversos elementos: cores, formas, ângulos, objetos, pessoas etc., que são interpretadas visualmente por cada sujeito. Logo, busca-se com essa atividade, aflorar esse aspecto, narrando histórias através das fotografias.

Antes de iniciarmos a atividade prática, teremos dois momentos de rodas de conversa com as crianças, buscando compreender quais os conhecimentos que as crianças já possuem sobre o mundo fotográfico. Objetiva-se, então, expor alguns questionamentos propositivos:

1ª roda de conversa:

- O que é a fotografia?
- Qual foi a primeira foto tirada no mundo?
- Como ela foi tirada?

2ª roda de conversa:

- Como são tiradas as fotos hoje em dia?
- Onde nós vemos fotos?
- Para que servem as fotografias?
- Quais os cuidados devemos ter com as fotografias?

A partir da construção desses conhecimentos, partiremos para a atividade prática, buscando alcançar a verdadeira práxis = teoria + prática.

- 1) As crianças terão acesso a diversas fotografias, de momentos rotineiros que vivenciamos em nosso dia-a-dia: fotos de outras crianças brincando, da limpeza das salas, da organização do lanche, da sala da coordenação, entre outros. As fotos serão anteriormente tiradas pela professora e levadas para a sala em tamanho A4. As imagens serão intencionalmente tiradas pela professora, pois já existem cenas previamente pensadas, para que as crianças sejam surpreendidas com cenas tão comuns que acabam perdendo nossa atenção e cuidado.
- 2) A partir disso, em roda, as crianças serão orientadas a analisarem as imagens, sendo estimuladas por questões norteadoras, como:
 - O que vocês enxergam nessas fotos?
 - Vocês conhecem essas pessoas? Quem são e o que elas estão fazendo?
 - Nós utilizamos esse espaço?
 - Aqui vocês podem ir sozinhos ou vão acompanhados por um adulto?

Esse primeiro momento é essencial para entender quais visões as crianças têm daqueles contextos, além de ser uma forma para que elas se aproximem ainda mais de pessoas e espaços que por muitas vezes passam despercebidos.

- 3) Em seguida, será o momento de criarmos nossa história. A turma, em diálogo, terá que criar uma história utilizando as imagens previamente analisadas, é a hora da escolha e da montagem. De acordo com Fabiana Bruno (2012, p. 95), essa etapa de construção e reconstrução de conjuntos fotográficos denomina-se “arranjos visuais”, carregando um potencial de revelação e uma capacidade de dialogar entre si, ao se colocarem num plano de correspondência. Dessa forma, o Infantil 4 criará e montará seu próprio arranjo visual.
- 4) Após analisarem e criarem sua história, é a vez da montagem. Em um papel panamá, as crianças terão que selecionar e organizar as imagens sobre ele,

determinando a ordem e a forma que serão dispostas. A exposição das fotografias também poderia ser feita em um varal, mas neste já é induzida uma linearidade, enquanto em um painel, as crianças terão que refletir e decidir conjuntamente como elas serão organizadas.

- 5) Quando já terminado, nosso arranjo visual será exposto do lado de fora da sala, para que todos tenham acesso ao que foi construído pela turma. Junto a ele, terá um QR Code que leva até um vídeo das crianças contando a história, haja vista que, apesar das fotografias conterem um potencial narrativo, cada indivíduo interpreta conteúdos visuais de uma forma, de acordo com suas vivências e perspectivas, e aqui o intuito é contar a história criada pelas crianças do Infantil 4BM.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Local: Instituição Privada

Público Alvo: Infantil 4BM (crianças de 4 anos)

Turno: Matutino

Período: Março a Junho

Com as crianças:

- Observar o que as crianças sabem sobre a história da fotografia;
- Observar como elas comunicam suas ideias e sentimentos com o grupo;
- Observar como as crianças interpretam as imagens;
- Observar como elas selecionam e dispõem as imagens.

Com as educadoras:

- Observar como as educadoras utilizam a fotografia em seu dia a dia;
- Observar como vai ser realizada a mediação da roda de conversa e da atividade prática;
- Observar como os registros desses momentos serão feitos;
- Observar como a avaliação será realizada.

